

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – POLO PLANALTINA - DF

MARIA HELENA CURCINO DOS SANTOS

POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DO XADREZ NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL WALDA
MIRANDA DE PAIVA (FORMOSA-GO)

PLANALTINA/DF

2012

MARIA HELENA CURCINO DOS SANTOS

POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DO XADREZ NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL
WALDA MIRANDA DE PAIVA (FORMOSA-GO)

Trabalho Monográfico apresentado como
requisito final para aprovação na disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso II do
curso de Licenciatura em Educação Física
do Programa Pró-Licenciatura da
Universidade de Brasília, Faculdade de
Educação Física Pólo de Planaltina – DF

ORIENTADOR: PROFESSOR
GABRIEL FRANCISCO MARTINS
FERNANDES

PLANALTINA/DF

2012

MARIA HELENA CURCINO DOS SANTOS

POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DO XADREZ NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL
WALDA MIRANDA DE PAIVA (FORMOSA-GO)

DEFESA PÚBLICA em:

Brasília, 11 de agosto de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Regiane Ávila Chagas, Supervisora - DF.

Gabriel Francisco Martins Fernandes

Planaltina, 11 de agosto de 2012.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – POLO PLANALTINA - DF

POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DO XADREZ NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL
WALDA MIRANDA DE PAIVA (FORMOSA-GO)

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Professor orientador Gabriel Francisco Martins Fernandes

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu querido Deus que iluminou – me durante esta jornada árdua, porém necessária à conclusão deste curso. Também a todos aqueles que diretamente ou indiretamente me ajudaram sanando dúvidas e me encorajando.

Agradecer de forma grandiosa aos meus pais, Francisco Curcino dos Santos e Leondina Pereira da Silva, (ambos in memoriam), sem eles, jamais seria quem eu sou hoje.

E a família, especialmente minhas queridas filhas, Angela dos Santos Barbosa, Keila dos Santos Barbosa e Engedi dos Santos Barbosa que por vezes ficaram órfãs de minha presença.

Ao meu orientador Gabriel Francisco Martins Fernandes que muitas vezes me fez voltar e refazer os meus erros. Com críticas construtivas me possibilitou crescer e me desenvolver na explanação de ideias.

À minhas amigas Valdenise Castro, Karina Moura, Lucimeire Gomes que juntas promovemos momentos de muita descontração, alegrias e tristezas.

Ao professor Eliardo e a professora Ludmilla, educadores físicos, bem como todos os professores que aceitaram participar dessa pesquisa, aos alunos do 7º ano A inclusivo, aos diretores, coordenadores e bibliotecários da escola campo que foram gentis e educados em me receber e prontificar-se no que se fez necessário à realização desta monografia.

Muito obrigada à todos!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Leondina Pereira da Silva e meu pai Francisco Curcino dos Santos (ambos in memoriam), que desde eu muito pequena desejavam que fosse professora e à todos os meus familiares e amigos que me auxiliaram de forma direta ou indireta na realização desta vitória.

EPÍGRAFE

"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém, desviamos-nos dele. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido."

(Charles Chaplin, em discurso proferido no final do filme O grande ditador).

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO/CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA..... | 11 |
| OBJETIVOS..... | |
| 2.1 Objetivo Geral..... | 17 |
| 2.2 Objetivos Específicos..... | 17 |
| CAPÍTULO I - APREENSÃO DE CONHECIMENTOS POR MEIO DO JOGO | |
| 1.1 Um aprendiz sem grandes frustrações..... | 18 |
| 1.2 Influências do Ambiente Social..... | 19 |
| 1.3 Influência da Família..... | 20 |
| 1.4 Educação Inclusiva..... | 21 |
| 1.5 O Xadrez Inserido no Processo Educacional..... | 22 |
| CAPÍTULO II - METODOLOGIA E OBJETO DE ESTUDO..... | 30 |
| CAPÍTULO III - RELATÓRIO DA PESQUISA DE CAMPO..... | 32 |
| 3.1 O Educador Competente..... | 33 |
| 3.1.1 Dificuldades Enfrentadas por Docentes e Discentes..... | 34 |
| 3.1.2 Objetos da Pesquisa..... | 35 |
| CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS | |
| 4.1 Análise de Dados dos Alunos..... | 38 |
| 4.2 Análise de Dados dos Professores..... | 47 |
| 4.2.1 Quanto a Intervenção da Professora Pesquisadora..... | 52 |
| CONCLUSÃO..... | 53 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 59 |
| ANEXOS..... | |
| Questionários aos Alunos..... | 67 |
| Questionários aos professores..... | 70 |

RESUMO

O propósito desta pesquisa consiste em aplicar o jogo de xadrez como uma das possibilidades educativas aos alunos. Numa turma inclusiva, que convivem com a indiferença escolar cotidianamente e não percebeu o real valor da educação conscientizadora. Tendo comportamentos altamente prejudiciais no quesito aprendizagem, disciplina, concentração, e socialização. Acredita – se que se a maioria dos profissionais da educação atuasse em sua área de formação teriam condições de oferecer aulas interessantes à sua clientela. Os cursos de Educação Continuada são umas das opções enriquecedoras que dão aos docentes condições para manter o controle dos alunos em sala de aula tornando prazerosa a explanação dos conteúdos. Essa nova forma de manter atualizado o educador ensina os a mesclar os conteúdos a formas lúdicas e atraentes de se aprender. Em outra ótica percebe-se que a proteção exagerada dos pais e a falta de limites, que já deveriam estar inseridas desde a primeira infância na educação destes alunos, deixa a escola solitária no processo educacional. A criança desde muito cedo é inteligente o suficiente para perceber os sinais dos adultos e copiá-los. Estudos comprovam que uma criança de três anos possua o dobro de conexões que um adulto e aos quatro anos estima – se que a criança tenha atingido metade de seu potencial intelectual. Observa-se que o Xadrez Escolar oportuniza e transfere aos seus praticantes possibilidades de aprender a se dominar, coordenar-se voluntariamente com a finalidade de transmitir autonomia educacional para responder as dificuldades que a escola encontra em ensinar sinais básicos de conscientização. Sendo o xadrez, um jogo que estimula as respostas objetivadas pelo corpo docente, protagoniza se os anseios apetevidos aos envolvidos no processo educacional nessa turma, permitindo os identificar estratégias que proporcionarão mudanças necessárias ao percurso escolar e cotidiano.

Palavras chaves: Educação Física, Indisciplina, jogos de xadrez.

ABSTRACT

The purpose of this research is to apply the game of chess as an educational possibilities for students. In an inclusive classroom, living with indifference school every day and did not realize the real value of education for critical consciousness. Having highly damaging behaviors in the category learning, discipline, concentration, and socialization. Believed - that if the majority of education professionals acted in their area of training would be able to offer interesting lessons to its clientele. The continuing education courses are one of the options that give teachers enriching conditions to maintain control of students in the classroom making pleasant explanation of the contents. This new way of keeping the teacher teaches them to merge the contents to be playful and engaging ways to learn. In another perspective it is clear that the over-protective parents and lack of boundaries, which should already be entered from early childhood education of these students leave school alone in the educational process. The child very early is smart enough to notice the signs of adults and copying them. Studies show that a three year old child has twice as many connections as an adult and four years worth - that the child has reached half of its intellectual potential. It is observed that the Chess School and transferred to nurture opportunities for its practitioners learn to control, coordinate voluntarily for the purpose of transmitting educational autonomy to address the difficulties that the school is to teach basic signs of awareness. As chess, a game that stimulates the responses targeted by the faculty, if the protagonist desires appetizing to those involved in the educational process in this class, enabling them to identify strategies that will provide necessary changes to the educational background and everyday life.

Keywords: Physical Education, Indiscipline, chess games.

INTRODUÇÃO

A educação formadora para a sociedade deve se iniciar na fase infantil. Aos sete anos a criança já deve ter em mente noções de regras familiares e escolares e saber quem é autoridade. Atualmente os pais protegem demasiadamente os filhos que podem estar criando verdadeiros tiranos. A falta de estabelecer regras para criança desde a primeira infância são erros que os pais e educadores cometem. Pensar que uma criança de dois anos não é capaz de diferenciar quando descumpriu uma regra é ignorância do adulto. A criança é um ser extremamente observador e inteligente para saber se há autoridade em quem a disciplina. Uma coisa não se pode negar os pequenos aprendem com o exemplo dos seus responsáveis, são o produto do que vivem. Para que elas crianças tenham um bom aprendizado é necessário que vivenciem pais e professores cumprindo as regras estabelecidas.

Estudos demonstram que as crianças desenvolvem a maioria das ligações entre os neurônios e até os três anos de idade desenvolvem um quatrilhão de células cerebrais, ou seja, o dobro de conexões que um adulto possui e aos quatro anos estima – se que a criança tenha atingido metade de seu potencial intelectual (UNICEF, S.D.). “É nesse período o maior desenvolvimento mental, emocional e social do indivíduo” (Aguiar, 2007, P.1 apud VARGAS, 2009, p. 12).

A disciplina é algo conquistado cotidianamente. De acordo com o sociólogo francês DUBET, (1997, p. 228), “a disciplina é conquistada todos os dias, é preciso sempre lembrar as regras do jogo, cada vez é preciso reinteressá-los, cada vez é preciso advertir, cada vez é preciso recompensar”.

Ao abordar o conceito de indisciplina em nossa cultura, observamos que se trata do descumprimento das regras estabelecidas ou o mau comportamento que compromete a convivência social. A diminuição de autoridade dos pais, a falta de vínculo entre os familiares e a escola são fenômenos que perseguem a disciplina e o ensino de qualidade aos alunos, porém com buscas frustradas, pois fazem isso de forma autônoma e

trabalham separados. PELLEGRINI (2008) em seu artigo Pais x filhos a autoridade em crise, concorda que os pais confundem autoridade com autoritarismo e que têm muito medo de ser rejeitado pelos filhos, quando necessário à imposição de limites. Ainda garante que autoridade é indispensável para a construção sadia da criança e quem não aprendeu desde cedo a ter consciência delimitada tenderá a viver e a manifestar até o fim a sua patologia de descomedimentos.

Para solucionar esses problemas é necessário que pais e professores se unam em prol de uma conscientização, discutam formas de solucionar e busquem o maior número possível de informação e ações corretivas. Os pais devem ter firmeza, constância, convicção e respeito ao seu filho ao torná-lo um ser civilizado, mas como diz MELEKE (2009), o melhor mesmo sempre foi e sempre será o diálogo, o incentivo, o encorajamento [...] O maior problema, segundo PELLEGRINI (2008) é que os pais viveram numa época de desvarios em que era proibido proibir, por isso maioria deles se perdem na educação dos filhos, permitindo que fiquem sem controle. A criança deve ser conscientizada de que têm direitos, mas que também tem deveres a cumprir.

Tem havido uma constante perda de valores e enfraquecimento entre a escola e a família, o que desequilibra ainda mais essa pendência. A indisciplina é um dos maiores desafios da prática docente e não tem classe social, como afirma MELLO (2009) em seu artigo “Família e escola na questão da indisciplina.” PARRAT (2007), alerta que se a escola não atrai os indivíduos inseridos em sua comunidade para a construção das regras, esses a consideram como um peso excessivo e que pode ser quebrados sem receber punições, afinal, essa não é competência solitária da escola quando se rompe alguma norma. Então, docentes, discentes bem como as famílias envolvidas são responsabilizados quando os acordos são fragmentados. Toda combinação se desestrutura. São pais excessivamente permissivos ou autoritários com filhos em sua maioria advindos de lares desestruturados, torna se um efeito dominó: as aulas não seduzem mais sua clientela, tornando – se insignificativas, tornando os professores desestimulados e ainda há aqueles filhos que convivem com o desrespeito de seus familiares,

devolvendo à sociedade o que aprendeu. MELEKE (2009) ressalta que uma criança respeita quando se sente respeitada, tem atitudes educadas quando é estimulada a agir assim, desde o início de sua vida, essa criança será um adulto com qualidades distinta e exemplar.

São muitos os fatores que levam uma criança a agir como verdadeiros “reis”, enquanto isso, um grande número de pais e profissionais da área educacional busca uma solução que garanta um futuro menos incerto a esses alunos. Nesse sentido, AQUINO (1998), diz em sua palestra: A indisciplina e a escola atual, que a falta de disciplina e o pouco aproveitamento escolar são contrastantes, representando os dois maiores geradores do fracasso escolar e é a maior dificuldade enfrentada do trabalho docente com escolares.

Estudiosos do xadrez, como Sá & Rezende (2007, 2002; apud FADEL & MATA, 2007, p. 2) consideram que a inclusão de atividades enxadrísticas no contexto escolar é uma das possibilidades do aluno desenvolver competências e habilidades, que alargam sua capacidade de percepção em relação ao espaço-tempo, como o exercício da paciência da tolerância, da perseverança e do autocontrole como também valores éticos e morais. Sendo uma atividade complementar e uma possível saída para abrandar diferenças entre os alunos.

O xadrez não está incluído no currículo escolar, mas está se multiplicando na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva como forma de entretenimento lúdico e aos poucos, como instrumento pedagógico. O interesse pelo tema surgiu pela facilidade em tê-los desenhados pelas áreas da escola e saber que os alunos podem brincar até com o próprio corpo, no caso de jogar xadrez humano, segundo CASTALDELLI (2010). Além das peças serem duráveis e os alunos poderem brincar antes de iniciar as aulas e no recreio, sem contar com os benefícios educacionais advindos de sua prática que superam na melhoria da concentração, do raciocínio, da criatividade.

Esse jogo é fascinante, não apenas pela estratégia envolvida nele, mas também por disciplinar e aguçar o raciocínio. Os alunos compreendem que o lazer e a disponibilidade de espaços para atividades lúdicas e esportivas são necessidades básicas e, por isso, direitos do cidadão, como afirma os

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (2007. P.30). O jogo é uma manifestação da cultura corporal e pode ser explorado com a finalidade de promover ampliação do conhecimento pedagógico de ensino – aprendizagem. (FREIRE & SCAGLIA, 2009).

Diante disso, compreende-se que a pesquisa nesse sentido poderá contribuir para a ampliação de estudos que tratem das possibilidades do uso do jogo como estratégia para o ensino-aprendizagem de valores como o respeito às regras no contexto escolar e cotidiano, além de criar um ambiente favorável a convivência entre alunos com necessidades especiais e alunos que possuam problemas de sociabilização. E ainda sugerir novas perspectivas aos professores de Educação Física propondo atividades diferenciadas, que intimem a turma a participar sem se sentir pressionada e tenha liberdade de estar nas aulas com o propósito de aprender para a vida por meio das atividades desenvolvidas nessas aulas.

LIMA (2011) diz que a prática enxadrística na escola não é nova e que sua tendência é aumentar ainda mais, porque o jogo favorece a concentração e a capacidade de pensar, permitindo que o aluno busque estratégias para resolução de problemas em situações cotidianas e concretas, melhorando sua capacidade de calcular, analisar e decidir. Sendo esse um jogo estimulante e carregado de possibilidades educativas que se conectam com a cultura étnica do aluno.

Os alunos que fazem parte desse estudo participam de uma turma que é composta de indivíduos dispersos, eufóricos, que saem pelos corredores na troca de professores, se agriem dentro e fora de sala, com e sem professores. Segundo MACHADO (2008), em seu artigo: “A Indisciplina na sala de aula,” existe muita falta de limite nos alunos, bagunça, tumulto, mau comportamento, desinteresse e desrespeito às figuras de autoridade da escola e também ao patrimônio. Com todos esses requisitos só poderia haver muitas dificuldades em relação à aprendizagem, além de terem muitas dificuldades para ouvir e compreender o que os professores explicam. Esse comportamento se nota desde as aulas ministradas em sala como nas aulas diferenciadas na quadra.

No II Encontro de Educação Física Escolar, Lazer e Educação Física

Escolar, Fuzii (2006) apontou que um dos motivos dos alunos serem indisciplinados é porque eles permanecem por um longo período de tempo parados, sentados na carteira e é nas aulas de Educação Física que encontram mais liberdade. Mas FANTE (2006) sugere que alunos inseguros e carentes sentem necessidade de chamar atenção para si e pertencer a um grupo, utilizando como meio comportamentos considerados inadequados ou indisciplinados.

MACHADO (2008), ainda em seu artigo, citado acima, concorda que os educadores afirmam que os alunos que não têm bom aproveitamento nas aulas são porque lhes falta disciplina e esse fracasso escolar é apenas o produto de problemas que vêm de fora da escola e se manifestam dentro dela.

Essa é uma pesquisa direcionada aos alunos da Escola Municipal Walda Miranda de Paiva, em que o instrumento de coleta de dados foi questionários aplicados aos alunos, professores e com os familiares dos alunos houve conversas informais para que fosse conhecido o comportamento deles em outros ambientes que não a sala de aula. E de acordo com essas investigações os fatores que causam essa falta de disciplina, fazem parte do cotidiano dos indivíduos em questão.

CIRQUEIRA (2006) afirma que há algumas pessoas que acreditam que a falta de disciplina está vinculada ao caráter pessoal e que isso é nato ou que faz parte da fase em que se encontram e que a escola não seria capaz de trazer nenhuma mudança para esse aluno, mas hipoteticamente esse estudo afirma que, atividades enxadrísticas tem importância fundamental na disciplina dos alunos, pois por meio dele os mesmos aprendem regras sociais que são adaptadas a diferentes situações de suas vidas.

Outro problema visível é quando os outros alunos se aproveitam do tratamento usado pelos professores aos alunos com necessidades especiais, matriculados na turma, pois é um 7º ano inclusivo. Alguns deles só fazem as tarefas prescritas quando a professora pode pegar em sua mão ou sentar ao seu lado, o que às vezes é impossível devido à quantidade de alunos com dificuldades de aprendizagens presentes.

Embora BOND E CASTAGNERA (2006) afirmem que esses alunos que não conseguem ter bom aproveitamento contrariam o que se tem notado nessa

escola em questão, pois segundo ele, discentes que possuem dificuldades de aprendizagem, mas que são assistidos com uma educação em um ambiente menos restritivo do que a turma do ensino regular possuem mais chances de aprender, pois por serem mais bem compreendidos tem a oportunidade de aumentar sua capacidade de aprendizagem e obter melhoras em suas competências sociais e comunicativas. Não é o que se tem notado no 7^o ano A da Escola Municipal Walda Miranda de Paiva.

Há algumas restrições observadas na escola que não cooperam com a melhora dos alunos, dentre elas temos o apoio da turma que é uma professora formada em pedagogia e que precisa acompanhar todas as outras disciplinas oferecidas na classe em 45 minutos de aula. Nem sempre essa profissional é capaz de repassar aos alunos que possuem dificuldades de aprendizagem o conteúdo que o professor regente aplicou, pois sua formação é muito básica e segundo MORAN (2009), os alunos são aprendizes imaturos, não estão prontos ou estão distantes da nossa proposta para em um turno assimilarem seis disciplinas que trazem conteúdos diferentes.

Então ATALAIA (2008. p.1) questiona: “que modelo educativo pode ser mais atrativo que a aprendizagem como jogo, através do jogo e de jogos?” Assim, esse problema de pesquisa investiga quais as possibilidades educativas desse jogo nas aulas de Educação Física: o caso dos alunos do 7^o ano A inclusivo do Ensino Fundamental da Escola Municipal Walda Miranda de Paiva (Formosa-GO)?

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Propor estratégias de mudanças comportamentais para o 7º ano A do Ensino Fundamental da Escola Municipal Walda Miranda de Paiva.

Objetivos Específicos:

- Enfatizar o lúdico como medida complementar para minimizar a indisciplina;
- Permitir que a escola seja um lugar agradável que proporcione aprendizagem de qualidade;
- Direcionar os jogos de raciocínio lógico para incluir, socializar incentivando o cumprimento de regras escolares.

CAPÍTULO I

APREENSÃO DE CONHECIMENTOS POR MEIO DO JOGO.

Quando a criança joga, ela opera com o significado das suas ações, o que a faz desenvolver sua vontade e ao mesmo tempo tornar – se consciente das suas escolhas e decisões. Por isso, CASTELLANI FILHO *et al.*(2009, p. 65), apresenta “o jogo como elemento básico para a mudança das necessidades e da consciência”. Enquanto que UHLIG e SANTOS (2008), enfatizam os jogos escolares na mudança de comportamento dos alunos minimizando o problema da indisciplina. A indisciplina nada mais é do que o choque entre a cultura escolar e a dos alunos, pois uma não conhece nem compreende direito a outra e, ao mesmo tempo, ambas tentam impor a própria maneira de agir e conviver (PARRAT, 2007).

1.1 UM APRENDIZ SEM GRANDES FRUSTAÇÕES

A criança aprende regras de convivência brincando, assim, se a escola disponibiliza de formas alternativas para ensinar, o aluno será um aprendiz sem grandes frustrações. Por isso, Parrat afirma:

A escola precisa convidar a comunidade escolar para construção das normas de convivência e interação, pois os alunos as têm como um fardo. Regras que se pode quebrar sem receber por isso punições severas, pois a escola não compete castigá-los sozinha, caso seja rompido algum preceito. (PARRAT 2007 p. 144).¹

Esse comportamento prejudica excessivamente o andamento do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula (LEPRE, 2009). Os prejuízos causados são o barulho excessivo, a não realização das tarefas propostas, a falta de obediência, além da queixa de que a indisciplina cria um clima de

¹. PARRAT-Dayan, Silvia. Em sua palestra “Como Enfrentar a Indisciplina na Escola”.

desordem que parece contaminar as demais crianças. Atualmente, a indisciplina se tornou um desafio para os educadores que tentam sozinhos transpor esse obstáculo. Quanto a isso Parrat diz que:

É preciso passar por um novo processo de socialização – caminho que os profissionais da Educação não devem trilhar sozinhos, mas com os demais colegas. Nesse sentido, as instituições de ensino, como as conhecemos, precisam se reinventar e se tornar verdadeiramente democráticas, inclusive para resolver os problemas de indisciplina. (PARRAT, 2007, p. 144).²

Professores, alunos e a família são responsáveis por esses acordos quando são quebrados, mas não há uma junção entre esses itens no processo disciplinar dos alunos. Segundo Rego:

Um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta, se inquieta e se movimenta, mas sim como aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e sentimentos alheios, que apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e de se autogovernar, que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares. (REGO, 1996, p. 87).³

1.2 INFLUÊNCIAS DO AMBIENTE SOCIAL

Para Vygotsky, segundo REGO (1996), o comportamento humano é adquirido a partir do meio em que está inserido, dependendo de sua cultura, das suas experiências e das características sociais, ou seja, ninguém nasce rebelde, mas recebe influências ao longo do seu desenvolvimento. Rego ainda afirma:

O conceito de indisciplina não é estático, nem universal. O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se

². PARRAT-Dayana, Silvia. Em sua palestra “Como Enfrentar a Indisciplina na Escola”.

³. REGO, T. C. R. 1996. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskyana. 1996.

relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade, nas diversas classes sociais, [...]. No plano individual, a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas (REGO, 1996, p.84).⁴

A maioria dos professores não consegue construir aulas significativas e estão preocupados em cumprir seu papel e tornar efetivas as prescrições do conteúdo programático. Os alunos, por sua vez, não tem motivação para aprender, rejeitam o que a escola e o professor têm a oferecer. Muitos vêm de lares com famílias totalmente desfeitas, com responsáveis demasiadamente tolerantes ou autoritários.

1.3 INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

Na maioria das vezes os pais sentem receio de limitar seus filhos, serem taxados de violentos e diante de uma crise de birra ficam impassíveis. As crianças precisam aprender que os pais são pessoas sensíveis como elas e às vezes agem da forma que não desejava por um impulso, pois o respeito tem mão única, quando se é respeitada aprende a respeitar (PELLEGRINI, 2008).

A correção quando não é esmagadora e é proporcional ao erro cometido, não constitui uma forma de tratar com brutalidade, mas é indispensável. A criança só entende que errou se receber por isso punição. Seja por meio de conversa ou mesmo de correção. Ela, quando pequena não é civilizada e age por impulso e para que se torne civilizada deve se opor ao seu funcionamento inicial (Claude apud PELLEGRINI, 2008).

Percebe-se que a família tem importância fundamental nos aspectos afetivo, cognitivo e moral, porém durante suas experiências vivenciadas no ambiente social receberão influências que caracterizarão sua conduta. Porém sem desvalorizar as atitudes dos pais que certamente interferirá no desenvolvimento individual e escolar dos filhos (KAKAZU, 2009).

⁴ REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskyana. 1996.

1.4 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ao tratar sobre inclusão é interessante que seja lembrado que a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família, conforme o artigo 205 da CONSTITUIÇÃO FEDERAL de 1988, e por ser tão utilizada, essa expressão se tornou desgastada, mas jamais sem efeito. Para que se torne efetiva são necessários suportes educacionais que garanta a possibilidade de cumprimento da Lei. Continua sendo tarefa de todos nós garantirmos uma escola de qualidade para todos sem distinção de cor, credo ou classe social, com e sem recursos e pré-requisitos sociais.

ARANHA, (2004, p. 21) concorda que a acessibilidade física é um dos primeiros requisitos para a universalização do ensino. O aluno tem a possibilidade de frequentar todos os espaços podendo atuar em diferentes atividades. Assim, a inclusão deve ser primordial a todo educador preocupado com o valor social de sua prática e com os seus deveres profissionais. Mesmo sendo um desafio a inclusão é o caminho que está sendo construído com o intuito de igualar e garantir os direitos de todos. Inclusão é diferente de integração. A escola inclusiva precisa estar apta a receber o aluno desde sua parte estrutural à profissional.

A sociedade mudou, mas a escola ficou parada no tempo mesmo com o recebimento de tecnologias como acesso à internet, computadores, xerox, vídeo, ela não assumiu uma postura de liderança de ensino – aprendizagem, mas continua insistindo com as fórmulas tradicionais vinculadas à tecnologia atual. Assim Parrat afirma que:

Teoricamente, em qualquer sistema, quando um dos fatores se altera, todo o conjunto teria de se modificar também. Com a escola, porém, isso não aconteceu. A sociedade mudou, assim como o público que a frequenta, mas ela continuou a seguir um modelo tradicional de organização e de relacionamento interpessoal (PARRAT, 2007, p. 144).⁵

Vale salientar, que parte desses alunos citados no estudo possuem necessidades especiais e recebem atendimento especializado na sala de recursos. Neste espaço, eles têm acesso a conteúdos diversos como jogos, brincadeiras calmas, conversas livres com a psicopedagoga, acessos à

tecnologia. Há também acompanhamento aos familiares na esperança de informá-los, conscientizá-los dos problemas e conquistas apresentadas pelos seus filhos (ARANHA, 2004, p. 17/18).

Para que o aluno seja atendido na sala de recursos é feito um diagnóstico da aprendizagem em relação aos conteúdos escolares como também distúrbios físicos e mentais, dificuldades de socialização com outros alunos da instituição. Apesar de serem atendidos individualmente por profissionais na sala de recursos, esses alunos não demonstram uma mudança no comportamento. Eles não reagem e aparentemente não compreendem as orientações dos profissionais que os acompanham ou se compreendem não conseguem colocá-las em prática. Subentendem – se que a falta de limites e valores produz indisciplina na sala de aula e a família, a escola, o professor e o próprio aluno são responsáveis por isso (KAKAZU, 2009).

Logo, é possível que a utilização dos jogos escolares no trabalho desenvolvido com o 7º ano A inclusivo poderá estimulá-los sobre uma tomada de consciência no tocante à compreensão e respeito às regras inerentes ao convívio escolar e essencial para a convivência em sociedade, pois como salienta Leontiev (1998, P. 139, apud BRANDÃO *et al* 2009), dominar as regras significa dominar seu próprio comportamento, aprender a controlá-lo, aprendendo a subordiná-lo a um propósito definido.

1.5 O XADREZ INSERIDO NO PROCESSO EDUCACIONAL

O xadrez é uma ferramenta que a escola precisa aprender a utilizar. Esse jogo vincula afetividade e cognição no processo de aprendizagem (LUNA, 2008). E oferece percepções consideráveis tanto mentalmente, prático e desenvolve as funções intelectuais permitindo que o aluno tenha um desempenho excepcional, além de desenvolver o exercício da paciência, da tolerância, da perseverança e do autocontrole (FADEL & MATA, 2007).

^{5.} PARRAT-Dayan ,Silvia. Em sua palestra “Como Enfrentar a Indisciplina na Escola”.

Todos os povos em todos os tempos contaram com os jogos como parte importante da educação e socialização das crianças Dewey (apud AMARAL, 2002). O xadrez é um jogo milenar e desde épocas remotas que é utilizado como ferramenta de aprendizagem. Sabe-se que jogos em geral são necessários para o desenvolvimento das crianças, pois manuseando materiais convenientes, elas se integram, absorvem as realidades intelectuais e se sentem capazes de realizar suas competências. Inseridas na aplicação da prática do jogo de xadrez, elas ludicamente se socializam e acabam sendo favorecidas na assimilação de conteúdos.

Nesta perspectiva, evidencia-se a importância da disciplina Educação Física, que por meio da cultura corporal tematiza o jogo e os alunos podem demonstrar espontaneidade e prazer, empregando-o de forma lúdica em seu cotidiano. E o jogo de xadrez pode ser considerado como uma atividade lúdica profundamente intelectual.

Diversos estudos têm sido realizados mostrando que este esporte é também uma poderosa ferramenta educativa, reforçando habilidades como capacidade de cálculo, concentração, responsabilidade e tomada de decisões Baptistone, (2000 apud D'LÚCIA, 2007). Ainda de acordo com essa ideia os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO (2007, p.25) declara que ao interagirem com os adversários, os alunos podem desenvolver o respeito mútuo, buscando participar de forma leal e não violenta. O professor é o mediador entre os alunos e os recursos materiais disponíveis e para isso precisa ter consciência do potencial desses materiais (BRANDÃO *et al.* 2009).

Embora os professores tenham muitas dificuldades na aprendizagem do xadrez, ele representa a forma mais prática e elucidativa para aplainar os modos de agir dos alunos e ainda ser utilizado interdisciplinarmente sob uma ótica ampla e não numa forma fechada do jogo. Às vezes o professor não precisa saber jogar bem, mas deve conhecer as regras para antecipar-se a conflitos e também para adaptar o que for coerente ao jogo com a finalidade de atender o maior número possível de alunos e assim, estimular o raciocínio lógico para que o aluno adquira noções para resolver problemas cotidianos, além de auxiliar no desempenho de

disciplinas como História, Artes, Geografia, Português e Matemática. (D'LÚCIA, 2007).

A escola precisa mudar o foco das aulas de Educação Física e frear o direcionamento dos jogos apenas para o esportivismo e competitivismo, pois assim esquece-se de que poderá usá-los como possibilidades de ensino aos alunos, estando atenta ao ensino dos valores, normas, atitudes e refazer conceitos errados que são implícitos pela mídia. Segundo FREIRE (1994, p. 116), “Brincadeira, brinquedo e jogo significam a mesma coisa, exceto que o jogo implica a existência de regras, perdedores e ganhadores quanto a sua prática”.

Todavia, segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992), é fundamental o desenvolvimento das regras na escola, porque isso permite que a criança adquira percepção da passagem do jogo para o trabalho. “A regra é uma singularidade imposta pelo grupo, e de tal sorte que a sua violação representa uma falta” Piaget, (1978, P.148 apud FREIRE, 2009, P.107).

Porém, não se pode negar a competição, pois seria o mesmo que eliminar o esporte da Educação Física (FREIRE, 1994), pois competição é algo natural para o crescimento e a realização (BROTTO, 1995). CORREIA (2007) assegura que aspectos negativos e positivos da competição, criam alternativas aos modelos tradicionais e formais de realizar. Porém, Bertrand apud CORREIA, declara que:

Os estudantes de hoje serão os principais agentes, condutores e prosseguidores das transformações paradigmáticas e éticas reivindicadas atualmente. Isso significa que esses jovens e crianças precisarão de uma educação e de uma formação “com valores diferentes da competição, da segregação, do racismo”. A Educação Física pode e deve assumir esse compromisso. (Bertrand, 2001, p. 31, apud CORREIA, 2006).⁶

Outra opção são os jogos cooperativos. Eles têm sido considerados uma importante proposta para Educação Física escolar. É considerada adequada para

⁶. Bertrand, 2001, p. 31, apud CORREIA, M. M. 2006. Trabalhando com jogos cooperativos. 4ª edição.

valorizar a cooperação nas aulas de Educação Física. (CORREIA, 2007). Orlick apud CORREIA acredita que:

O excesso de competição gera crescimento da violência, tecnologia de guerra [...] e encontra nos jogos cooperativos uma base e um caminho para começar algumas mudanças positivas em prol de uma ética cooperativa. Acredita ainda que não dá para manter um ambiente humanitário em nossa sociedade reproduzindo um sistema social baseado em punições e recompensas. (Orlick apud CORREIA, 2006, P.43).⁷

O autor afirma ainda que:

Os esportes e atividades físicas na China não eram praticados apenas pelos fortes e bem dotados fisicamente, eles enfatizavam que a amizade deve vir em primeiro lugar em segundo a competição e que vencer ou perder é algo temporário, mas a amizade é permanente. (Orlick, 1989, P.54 apud CORREIA, 2006, p.42).⁸

Já aqui no Brasil para os índios, Terena (2001, p.1 apud CORREIA, 2006, p.42) “o importante não é competir e sim celebrar”. Correia concorda que:

Os jogos cooperativos podem ser uma opção de educação transformadora [...], porém não podem sozinhos mudar a realidade competitiva de uma escola, de um sistema educacional e muito menos de uma sociedade [...], pois mudanças sociais e educacionais se processam lentamente. (CORREIA, 2006, p.92).⁹

Assim, Brotto apud Correia afirma que:

Dessa perspectiva, por meio dos jogos e esportes, podemos ensinar e aprender muito mais do que gestos, técnicas, táticas e outras habilidades específicas. O que a Educação Física, nesse momento deve promover e aperfeiçoar são as habilidades humanas essenciais. (Brotto, 2002, p. 35 apud CORREIA, 2006, p.49).¹⁰

⁷. Orlick apud CORREIA, M. M. 2006, P.43. Trabalhando com jogos cooperativos. 4ª edição.

⁸. Orlick, 1989, P.54 apud CORREIA, M. M. 2006, p.42. Trabalhando com jogos cooperativos. 4ª edição.

⁹. CORREIA, M. M. 2006, p. 92. Trabalhando com jogos cooperativos. 4ª edição.

¹⁰. Brotto, 2002, p. 35 apud CORREIA, M. M. 2006, p.49. Trabalhando com jogos cooperativos. 4ª edição.

Sabe-se que os professores de Educação Física assumem papel de destaque no trabalho com jogos, no entanto, precisam aprimorar a forma como vem sendo desenvolvida as aulas variando as estratégias, melhorando a dinâmica e a mudança da cultura escolar nas aulas. A escola precisa descobrir que caminho mais adequado seguir para alcançar o objetivo de compreender o aluno e se fazer compreendida por ele. A falta desses ingredientes diminui a participação dos alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física, por serem sempre desvalorizados em detrimento aos mais fortes da turma quando se utiliza apenas os esportes que evidenciam a força, velocidade e habilidade. Sobre isso Kishimoto diz que:

A utilização do jogo potencializa a exploração e construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulo externo e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não os jogos. (KISHIMOTO 2003, P. 37/38).¹¹

E se tratando de uma turma em que há uma porcentagem de alunos com necessidades especiais e indisciplinados, fica bem restrita a possibilidade de serem aptos a desenvolver as atividades que os professores propõem. Eles precisam se sentir inseridos e importantes para que essa aula aconteça de forma plena. Recai novamente sobre o professor que deverá ser criativo para trazer esses alunos à realidade que ele objetiva.

CASTELLANI FILHO *et al.* (2009, p. 127), confirma que “criança de classe trabalhadora mais pobre, que vem de um universo cultural absolutamente diferente, têm enormes dificuldades de se adaptar aos padrões exigidos pela escola e rapidamente perdem seu lugar dentro dela.”

O jogo pode ser uma ferramenta importante para a socialização auxiliando também no incentivo ao cumprimento de regras (BARBOZA, 2011). E que o comportamento social como as atitudes, capacidade e os problemas do indivíduo

¹¹. KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 2003, p. 37/38.

devem ser um meio de se iniciar uma Educação Física Escolar adequada a cada um, sendo também conservado o nível de concentração e interação dos alunos. Principalmente para os alunos com necessidades especiais, pois segundo os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (2007, P. 27 E 28), eles não podem ser privados das aulas de Educação Física e salienta ainda que: “A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos”. Assim, Correia confirma que:

Não bastam boas intenções e que estas precisam ser correspondidas com boas ações e descreve a ética cooperativa da seguinte forma: contato, respeito mútuo, confiança, liberdade, recreação, diálogo, paz- ciência, entusiasmo e continuidade. Brotto, (2002, p. 40 apud CORREIA, 2006, p. 48).¹²

A especialidade da criança é brincar, por isso é importante que a criança se expresse e na escola ela só é convidada a executar a brincadeira sem participar das decisões e escolhas (Freire, 1999 apud CORREIA, 2006, p.58). Enquanto ela brinca aprende incessantemente (FREIRE, 2009, p. 108). A escola deveria convidar as crianças para a modificação das regras dos jogos antigos atualizando os e não retirando a criança que erra. É preciso estar atento e planejar os objetivos com os jogos cooperativos.

Há um paralelo entre as duas formas de percepção vivência e ação presentes em um jogo cooperativo ou competitivo. O que não significa que um seja melhor que o outro, mas os jogos cooperativos criam situações mais favoráveis para atingirmos os objetivos (Brotto, 2000, apud CORREIA 2006, p. 50). O autor ainda define de forma clara sua posição: “Se o importante é competir, o fundamental é cooperar” (Brotto, 2000, p. 63 apud CORREIA 2006, p. 50). Para alguns estudiosos como BROUGÈRE (1988), ELKONIN (1984), HUIZINGA (1996) e VYGOSTSKY (1984) o jogo é fator de desenvolvimento do ser humano e é uma atividade representativa e não apenas imaginária, ou seja, um misto de vivências concretas e fantasias.

¹² Brotto, (2002, p. 40 apud CORREIA, M. M. 2006, p. 48). Trabalhando com jogos cooperativos. 4ª edição.

Quanto a isso Neves & Santiago diz:

O jogo é uma imitação da vida, uma mimética, a enganar a própria vida. O jogo serve para o homem iludir a si mesmo, para dar ao espírito o movimento mesmo da vida e a mudança de sensações, o estado de perpétua alternância entre o temor e a esperança. (NEVES & SANTIAGO, 2009, p. 43).¹³

ANTUNES (2003, p. 17), diz que o jogo é o melhor caminho para a iniciação ao prazer estético, à descoberta da individualidade e a meditação pessoal. Sobre a concepção dos jogos alguns autores trazem suas observações, Para Neves & Santiago:

O ser humano resulta de um encontro de potencial inato qualquer com a cultura, e é nesse encontro que cada indivíduo processa sua singularidade e se torna uma entidade viva e real. Portanto, só poderíamos conhecer a singularidade através de sua manifestação em meio cultural determinado. (Winnicot, 1975, apud NEVES & SANTIAGO, 2009, p. 69).¹⁴

Klein, (1969, apud NEVES & SANTIAGO, 2009, p. 69), define o jogo como ato criativo e livre que emana do indivíduo e não da sociedade, ocupando uma posição intermediária entre o objetivo e o subjetivo que remete aos fenômenos “transicionais”. Neves & Santiago afirmam que o jogo é o meio natural da aprendizagem para a criança e acrescenta:

Através do jogo, a criança dinamiza as capacidades que decorrem de sua estrutura particular e realiza as potenciais virtuais que afloram sucessivamente à superfície do seu ser. Ela os assimila e os desenvolve, une-os e o complica-os em suma, coordena seu ser e lhe dá vigor (Reverbel, 1997, p. 35, apud NEVES & SANTIAGO, 2009, p. 69).¹⁵

Sobre o jogo como instrumento pedagógico Freire afirma que:

Num contexto de educação escolar, o jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças aproxima se muito do trabalho, não se trata de um jogo qualquer, mas sim de um jogo transformado em instrumento pedagógico, em meio de ensino. Essas considerações são necessárias para que as atividades de Educação Física não sejam entendidas,

¹³. NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lúcia. 2009, p. 43. O uso dos Jogos Teatrais na Educação: Possibilidades Diante do Fracasso Escolar.

¹⁴. Winnicot, 1975, apud NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lúcia. 2009, p. 69. O uso dos Jogos Teatrais na Educação: Possibilidades Diante do Fracasso Escolar.

¹⁵. Reverbel (1997, p. 35, apud NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lúcia. 2009, p. 69. O uso dos Jogos Teatrais na Educação: Possibilidades Diante do Fracasso Escolar.

especialmente quando se trata de jogos, como algo descomprometido com a formação do aluno para cumprir seu papel social de criança e, mais tarde, de adulto (FREIRE, 2009, p. 109).¹⁶

A escola deve promover o desenvolvimento cognitivo da criança, que é uma coisa que não acontece espontaneamente, mas sim através de construções trabalhosas (FREIRE, 2009, p. 123). Ainda diz que a diversão é obrigatória na Educação Física. Quanto a isso Lorenz, (p.175 apud FREIRE 2009, p.123), afirma que deixar se divertir passivamente constitui bem ao contrário do jogo, que é a quintessência daquela atividade criativa sem a qual não pode subsistir a verdadeira humanidade.

Platão adverte que: não se deve ensinar os meninos pela força e serenidade, mas levando-os por aquilo que os diverte, para que possam descobrir a inclinação de suas mentes. (PLATÃO, A REPÚBLICA, VII).

¹⁶. FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. 2009, p. 109.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA E OBJETO DE ESTUDO

A pesquisa será desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa que tem como delineamento o estudo de caso. Para tanto, será utilizada as pesquisas descritiva e exploratória. Além destas, será feito levantamento bibliográfico e documental.

A metodologia utilizada será a de estudo de caso que tem caráter exploratório, sem controle experimental ou de manipulação, pois há aplicação de diversos métodos de coleta de dados. A escolha dessa metodologia é por apresentar uma visibilidade ampla e detalhada do estudo identificando melhores condições para uma tomada de decisão completa.

A escola investigada será a Escola Municipal Walda Miranda de Paiva e os sujeitos da pesquisa, os alunos do 7º ano A, inclusivo, que possuem idades entre 10 e 15 anos. A coleta de dados será por meio de questionários e investigação.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados pela dificuldade de aprendizagem que têm apresentado desde o início do presente ano letivo.

A amostra desses sujeitos será estabelecida de acordo com os questionários e investigação realizados na turma, em comparação antes e após o período de realização do estudo em questão. Para isso as pesquisas exploratórias utilizadas permitirão ao investigador aumentar sua experiência em torno do problema de estudo aqui apresentado.

A coleta de dados será realizada por meio de estudos observacionais antes da aplicação das aulas de xadrez com a turma e posteriores observações. Sendo necessária uma comparação em relação ao primeiro desfecho, já que essa forma de coleta de amostra é apenas analítica. Não conseguindo mensurar com exatidão a taxa de erros, é de

difícil manuseio, pode confundir o pesquisador por não haver um experimento do qual se tenha um controle seguro.

CAPÍTULO III

RELATÓRIO DA PESQUISA DE CAMPO

Esse relatório compreende os princípios utilizados pela professora pesquisadora com o intuito de demonstrar que o jogo de xadrez é uma possibilidade educativa disciplinar nas aulas de Educação Física. UHLIG & SANTOS (2008) defendem que os jogos escolares são importantes na mudança de comportamento dos alunos minimizando o problema da indisciplina.

Para atingir os objetivos propostos foram realizadas pesquisas bibliográficas, questionários, coletas de dados, entrevista informal e observações colhidas no mês de maio de 2012. Estes dados foram sintetizados aliando – se a fundamentação teórica com a realidade empírica onde se investiga as dificuldades de concentração conjugadas a indisciplina escolar na turma do 7º ano A, inclusivo, da escola Municipal Walda Miranda de Paiva. E segundo Atalaia em seu artigo Xadrez e Educação - Estratégias Educativas Alternativas “O jogo de Xadrez, especificamente, exercita diversas características, como raciocínio lógico, concentração, pensamento analítico, autonomia e autoconfiança”. E explica nesse mesmo artigo que:

Identifica os diversos benefícios da prática do xadrez, desde quando a criança passa a conhecer e a exercitar o domínio do tabuleiro, o que resulta em ganhos para sua noção espaço-dimensional. Depois são apresentadas as peças, cada qual com suas características físicas, seus movimentos e papel no jogo, auxiliando o desenvolvimento da memória e da concentração. O desenvolvimento da partida, com a integração das peças e os cálculos das jogadas exercitam o raciocínio lógico e imaginação, assim como a escolha do próximo lance valoriza a iniciativa e autonomia. (ATALAIA 2008, p. 1).^{17.}

^{17.} ATALAIA, Manuel F. C. Xadrez e Educação. Estratégias Educativas Alternativas, p. 1. Para Jornal Cidade de Tomar - 13 de Junho de 2008.

3.1 O EDUCADOR COMPETENTE

Aproveitar os ganhos que o jogo de xadrez pode atrair à vida escolar dos alunos é uma função do professor competente, o educador Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da autonomia*: “saberes necessários à prática educativa” diz que o educador competente também sabe cultivar a alegria e a esperança; a esperança de que ele e os educandos aprendam juntos, e resistam firmemente aos obstáculos à alegria de todos.

Atalaia, (2008) afirma ainda em seu artigo *Xadrez e Educação - Estratégias Educativas Alternativas que Pedagogos e psicólogos (como Froebel, Claparède, Decroly, Cousinet, Piaget, Carl Rogers e tantos outros)*, evidenciaram que jogos e brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Considerando que cotidianamente tem se notado as dificuldades na aprendizagem desses alunos juntamente com o fator indisciplina presencia-se a possibilidade de apresentar à sociedade escolar uma turma sem formação cidadã, pois como dito em parágrafos anteriores: essa turma tem problemas graves de socialização. O autor em seu artigo: que modelo educativo pode ser mais atrativo que a aprendizagem como jogo, através do jogo e de jogos? Na opinião de John Dewey, pedagogo e filósofo americano, (apud AMARAL, 2002. P.99-107), todos os povos em todos os tempos contaram com os jogos como parte importante da educação e socialização das crianças. Dewey defendia a aprendizagem como um processo ativo e o ensino baseado em experiências práticas na sala de aula referenciando o jogo neste processo.

3.1.1 DIFICULDADES ENFRENTADAS POR DOCENTES E DISCENTES

As dificuldades apresentadas pelos alunos e também as experimentadas pelos professores no intuito de dar aulas de qualidade. Sabendo disso esse estudo visa buscar formas de entreter e ensinar além dos conteúdos cotidianos, formas dessa turma se apresentar como pessoas interessadas no desenvolvimento social, intelectual, individual e coletivo.

Os dados colhidos por meio da pesquisa de campo serão o principal referencial teórico utilizado para fundamentar o presente trabalho tendo como justificativa um atendimento diferenciado a alunos diferentes, pois além da turma ser de alunos inclusivos, os demais são excessivamente desobedientes, eufóricos e com muitas dificuldades de aprendizagens. Segundo GARDNER (1999, P. 220), “os educadores precisam levar em conta as diferenças entre as mentes de estudantes e, tanto quanto possível, moldar uma educação que possa atingir a infinita variedade de estudantes”.

Entretanto, Atalaia em seu artigo Prática Educativa do Jogo de Xadrez diz que:

O imenso mérito do xadrez é que ele responde a uma das preocupações fundamentais do ensino moderno: dar a possibilidade de cada aluno progredir segundo seu próprio ritmo, valorizando assim a motivação pessoal do estudante. (ATALAIA, 2008, P.1).¹⁸

De acordo com essas citações, o estudo em questão ainda visa contribuir de maneira eficaz para se possível sanar as objeções em que se deparam professores e alunos da turma em questão. Tendo como metodologia precursora uma abordagem qualitativa com delineamento no estudo de caso, que segundo Yin:

É a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN 2005, p. 19).¹⁹

Ainda segundo Creswell afirma que:

O estudo de caso é utilizado como estratégia de investigação quando o pesquisador quer explorar em profundidade um programa, um fato, uma atividade, um processo ou uma ou mais pessoas, no qual serão coletadas diversas informações

¹⁸. ATALAIA, Manuel F. C. Xadrez e Educação. Prática educativa do jogo de xadrez. Para Jornal Cidade de Tomar. 27 de Junho de 2008.

¹⁹. YIN, R. K. Estudo de caso: Planejamento e métodos, p. 19. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

através de vários instrumentos e procedimentos tendo como objetivo principal o levantamento de fatores significativos para a compreensão do fenômeno observando os significados múltiplos das experiências dos professores (CRESWELL 2007, p. 32).²⁰

3.1.2 OBJETOS DA PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados os recursos exploratórios e descritivos, levantamento de dados bibliográficos e documentais. O estudo de caso aplicado tem caráter exploratório sem controle experimental ou de manipulação e aplicação de diversos métodos de coletas de dados. Essa metodologia apresenta uma vasta visibilidade pormenorizando esse estudo identificando melhores condições para uma tomada de decisão que contemple os elementos necessários para a solução dessa problemática apresentada nessa turma.

A instituição pesquisada é a Escola Municipal Walda Miranda de Paiva, tendo como sujeito os alunos do 7º (sétimo ano) A inclusivo. A sala contém um número de 37 alunos, em que 06 (seis) possuem déficit de aprendizagem, 02 (dois) tem necessidades neurológicas, 01 (um) é cadeirante e possui baixa visão. A maioria dos alunos é do sexo feminino, sendo 21 (vinte e uma) meninas e 16 (dezesesseis) meninos.

A coleta de dados se deu da seguinte forma: os alunos receberam uma folha com um questionário de perguntas objetivas sobre suas idades, ocupação, atividades esportivas extras, aulas que mais gosta e porque e ainda sobre a participação deles nas aulas das diversas matérias. Além desse questionário a análise se deu também por análise observacional, entrevistas informais sobre o cumprimento de imposições feitas pelos familiares em relação ao comportamento e aprendizagem que perdura nos educandos e também um questionário destinado aos professores investigando a conduta,

²⁰. CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. 2007, p. 32. 2ª ed.

interesse dos alunos e se as aulas têm mais teoria ou atividades lúdicas para o melhoramento de assimilação dos conteúdos, pois como diz Barboza em seu texto “O lúdico: Jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil”:

As aulas muitas vezes, tornam-se meras repetições de exercícios educativos, ficando a aula monótona e como consequência vazia, procura-se a solução com a utilização dos jogos para despertar na criança o interesse pela descoberta de maneira prazerosa e com responsabilidade. (BARBOZA, 2011, p. 3).²¹

A finalidade do estudo é que jogos simples como o xadrez conjugada à competência profissional dos professores coopere na superação das situações observadas atualmente nessa turma. Visto que as atitudes eufóricas e desobedientes dos alunos unida ao jogo de xadrez, poderá trabalhar a disciplina, o aprender a ouvir e aguardar a vez, oferecendo oportunidades de inclusão e dominando a agressividade e a quebra às regras sociais e morais entre eles. O estudo exige também que a dimensão empírica seja dominante, pois o recolhimento de dados a partir da população escolar é necessário para o enriquecimento do conhecimento tornando o estudo uma leitura agradável ao leitor sem distorções dos conteúdos apresentados e sem desprezar a dimensão teórica. Essas respostas dadas pelas pessoas nas entrevistas ampliaram os questionamentos apontados na observação causando uma desordem no plano de ideias pessoais do pesquisador para que se iniciasse o discurso científico que sistematizará a temática a ser argumentada.

O primeiro período fundamentou – se em pesquisas bibliográficas, o segundo em observações participantes e aplicação de questionários e por último as entrevistas.

²¹. BARBOZA, Caroline Ferreira. 2011, p. 3. No texto “O lúdico: Jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil”.

O questionário dirigido aos alunos foi elaborado com 15 perguntas de múltipla escolha, 01 pergunta mista e 01 pergunta aberta. O questionário direcionado aos professores teve 12 perguntas em que 04 foram de múltipla escolha, 02 mista e 06 perguntas abertas dando liberdade para que as verificações dos fatos fossem mais complexas e exatas.

Acompanhou o questionário uma introdução informando a finalidade do mesmo, a temática do estudo e a importância da contribuição, além de sigilo absoluto das respostas e que teriam discussões científicas. O mesmo foi entregue aos alunos e professores regentes e monitores da turma e foram recolhidos ao final da última aula. Para apresentação dos dados na tabela seus nomes foram preservados e representados por siglas. As respostas das perguntas subjetivas foram interpretadas assinalando as como pesquisa qualitativa.

As entrevistas realizadas foram para além das que responderam o questionário. Estiveram incluídos demais personagens da comunidade escolar e pais de alunos. Estas entrevistas aconteceram pessoalmente na própria escola. Os familiares dos alunos, um de cada vez, conforme a ordem de chegada em que aparecem para deixar ou pegar seus filhos.

CAPÍTULO IV

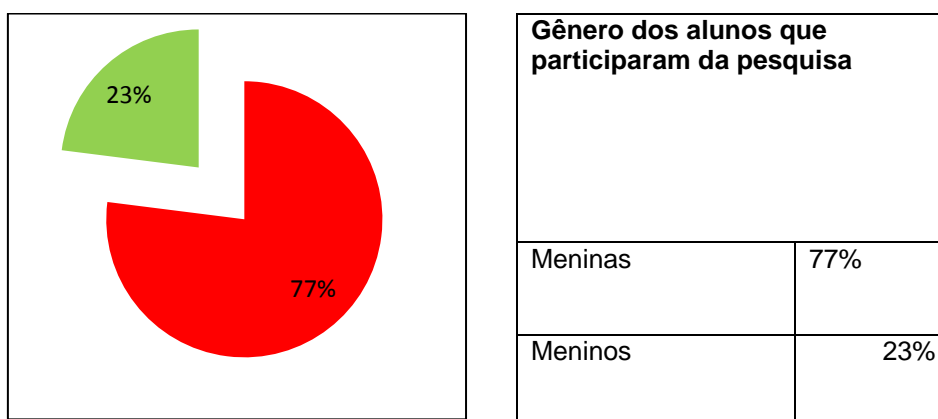
ANÁLISE DE DADOS

4.1 ANÁLISE DE DADOS DOS ALUNOS

A Escola Municipal Walda Miranda foi escolhida dentre as demais escolas por se tratar da maior escola do bairro Parque Lago, em Formosa – Goiás e por apresentar obviamente devido seu grande número de alunos, em torno de 1400, os maiores problemas no quesito indisciplina, inclusão, problemas de aprendizagens e possíveis soluções. De todas as 20 (vinte) salas de aulas que possui, atendendo desde a Educação Infantil ao 9º ano, nos dois períodos diurnos, o 7º ano A foi escolhido por apresentar as maiores dificuldades de socialização entre alunos - professores e entre alunos – alunos. As constantes queixas dos professores que na ânsia de ensinar se choca com o desinteresse da turma.

Os participantes deste estudo foram os 37 alunos do 7ª A, turno matutino:

Figura 1: Gênero dos alunos dos 7º ano A que participaram da pesquisa



Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

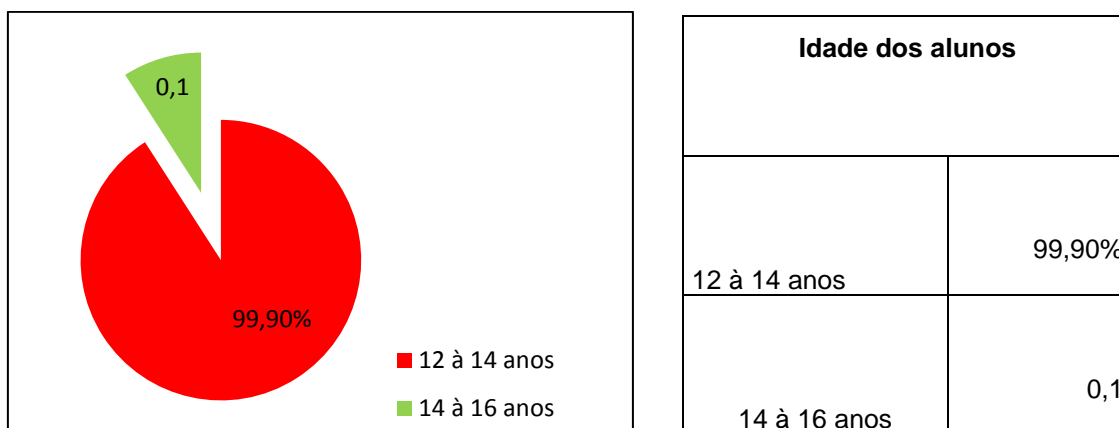
O gráfico acima mostra que 77% dos entrevistados são do sexo feminino e 23% do masculino.

Compreende – se que a turma tem maior percentual de alunas, mas mesmo assim possui baixo aproveitamento escolar e disciplinar. Julgando

culturalmente esta turma, deveria ter altos índices de aproveitamento e disciplina considerável, já que sua maioria é constituída de meninas, o que se constatava em anos anteriores.

Talvez por estarmos vivendo uma realidade totalmente diferente de anos anteriores em que é valorizado o debate de ideias, os alunos se percam entre dois fatores: participação e indisciplina. Os professores tem permitido uma maior participação dos alunos nas aulas e julga – se que isto pode ser um fator de confusão entre os alunos, que não discernem de forma correta como participar da aula de forma respeitosa.

Figura 2. Idade dos alunos do 7º ano A



Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Os resultados apresentados na figura 2 demonstra que 99,9% dos entrevistados têm entre 12 e 14 anos e apenas 0,1 mais de 14 anos. A busca destes resultados aproximou mais os entrevistados do entrevistador, pois estas informações provocou um burburinho entre os alunos que repetiram ano e os que são aprovados sempre.

Grande parte dos alunos está na fase de descobertas e dúvidas. Idade em que querem provar para si determinados conceitos sociais predeterminados pela sociedade em que está inserido ou que apenas desejam se rebelar – se contra as normas estabelecidas com a finalidade de provar que já são responsáveis por seus atos.

Maior parte deles estudam na mesma escola desde a Educação

Infantil.

Figura 3. Quantidade dos alunos que responderam o questionário

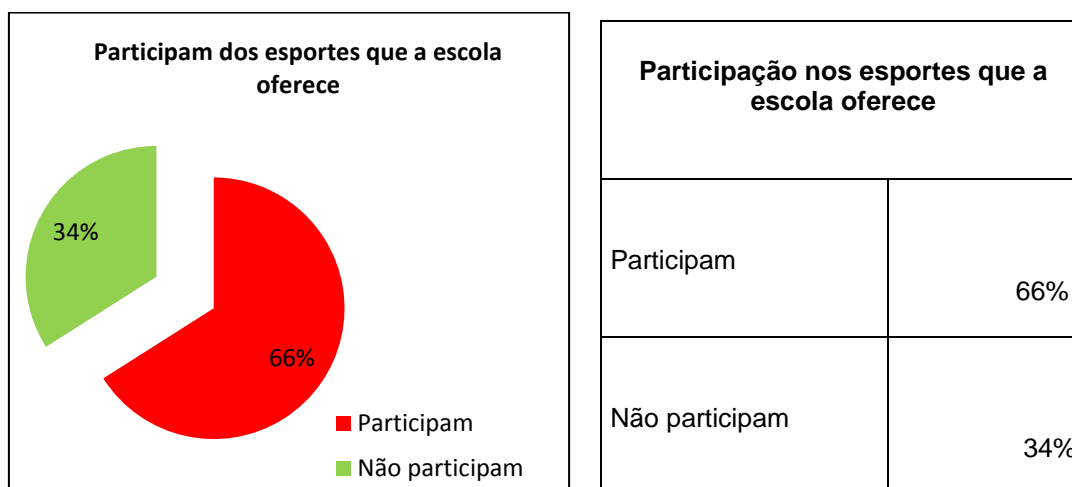


Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

De acordo com o gráfico acima apenas 62% responderam o questionário, enquanto que 38% não quiseram, não souberam ou não tiveram autorização dos seus responsáveis para respondê-lo, já que são menores de idade.

Houve uma evasão perceptível na participação da pesquisa, porém maioria dos alunos participou. Devido a não obrigatoriedade da participação nas pesquisas alguns preferiram não responder as perguntas. Esse comportamento levanta uma questão: porque os alunos normalmente só fazem o que são obrigados? Esse é um comportamento que se reflete nas atividades cotidianas e com as responsabilidades escolares. Normalmente esperam que ao fazer algo sejam recompensados com notas, presentes ou passeios. Isso denota um comportamento interesseiro que os recompense toda vez que tiver que fazer algo que agrada seus responsáveis. Não há a consciência de que as atividades, principalmente as escolares precisem ser encaradas como responsabilidades individuais, é a denotação de imaturidade dos alunos desta faixa etária.

Figura 4. Quantidade de alunos que participam dos esportes que a escola oferece.



Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Sobre a participação nos esportes que a escola oferece: 34% responderam que não participam e 66% demonstram grande interesse pelas aulas.

Os motivos dos não participantes são os mais diversos, como a falta de adaptações dos planejamentos dos professores de Educação Física, que possa contemplar a todos os alunos da turma. Como é o caso dos alunos com necessidades especiais, outros que confessaram que preferem voltar para a sala de aula fresquinhos, sem estarem suados e ainda aqueles que não se sentem atraídos pelas aulas.

Questionamento que os alunos fizeram durante sobre as aulas de Educação Física: por que as aulas de Educação Física têm que ser entre os horários das outras aulas? Seria necessário estudar a possibilidade de inserir estas aulas no horário inverso, e que continuassem sendo avaliados os alunos. Poderia haver a possibilidade de eles escolherem qual atividade praticar durante a aula. Por exemplo: Se há um grupo que gosta de dançar, criassem apresentações de danças para os demais ou para a escola. Caso outro grupo goste de esporte, que pratique para os campeonatos escolares e assim por diante. Porém para não ficar fixo as atividades dos grupos e serem considerados facções, fazer um rodízio no decorrer dos bimestres para que

todos participem de todas as atividades em ocasiões diferentes do ano. Assim, descobriria – se muitos talentos e as aulas seriam mais produtivas além do que ofereceria outras opções de movimentos corporais do que apenas a prática de esportes o ano todo. Para isso seria preciso que o Planejamento Político Pedagógico da escola oferecesse estas flexibilizações aos alunos e os professores pudessem planejar de forma mais criativa, monitorada e sugestionada por coordenadores. Que dessem também oportunidade aos alunos e pais para participarem realmente na construção dos planejamentos anuais.

Figura 5. Atividades que os alunos mais gostam nas aulas



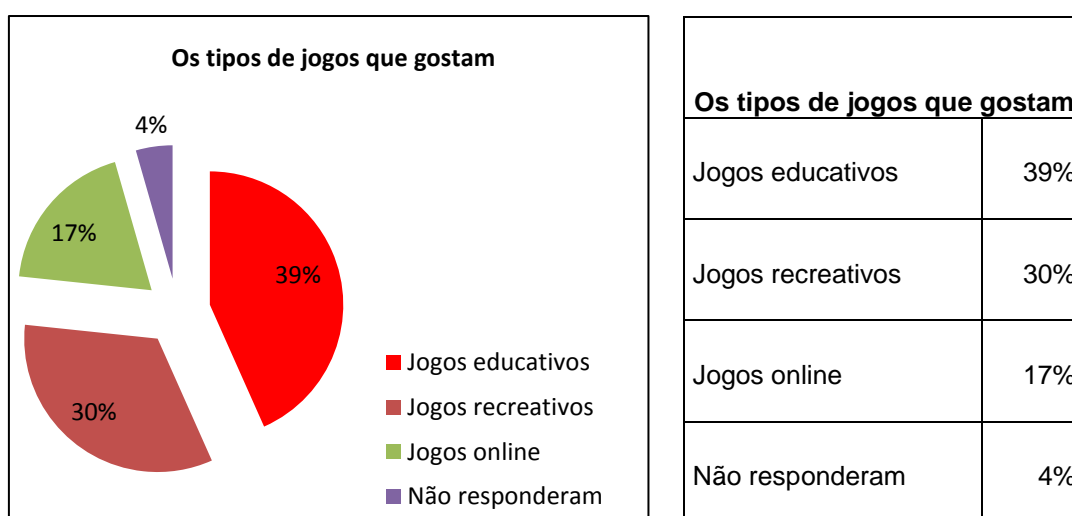
Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Sobre o que mais gostam nas aulas mais 91% responderam que gostam de aulas com atividades lúdicas e apenas 0,9% responderam que preferem aulas teóricas. Essas respostas foram conferidas a todas as aulas que o 7º ano A tem no ano e não apenas a aula de Educação Física, já que as maiores queixas eram advindas de professores de outras disciplinas.

A explicação que se dá a este item é que há uma quantidade muito baixa de intervenções que valorizem o lúdico nas aulas. Essa pequena porcentagem que preferiu aulas teóricas certamente desejariam também ter aulas lúdicas, porém como acreditam que aprendem mais conteúdos em

aulas teóricas as preferem. Mas se houvesse uma maior experimentação de aulas lúdicas e envolventes para a turma, certamente haveria mais aproveitamento de conteúdos que valorizassem o social, a interação, os trabalhos em grupos e conseqüentemente haveria menos brigas e discussões na turma.

Figura 6. Os tipos de jogos que os alunos mais gostam



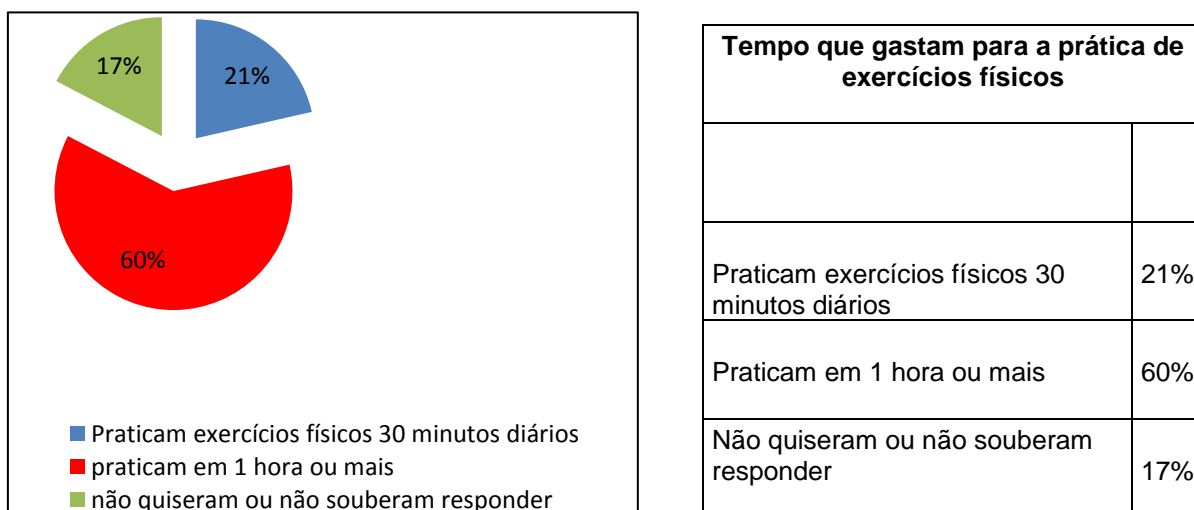
Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

No gráfico acima ficou representado que 39% dos alunos gostam de jogos educativos, 30% de jogos recreativos, 17% de jogos online e 4% não quiseram ou não souberam responder.

Os resultados relacionados aos tipos de jogos estão apresentados na figura 6. E nessa proposição foi bem diverso os resultados. Nesta questão jogos educativos significam jogos que tragam introduzidos fragmentos dos conteúdos considerados programáticos, ou seja, das áreas de conhecimento (matemática, português). Jogos recreativos são aqueles que têm a função de divertir os alunos na quadra, no pátio, no gramado ou mesmo dentro de sala de aula, sabendo que, nestes jogos também se apreende conteúdos para a vida. Quanto aos jogos online, essa diminuição se deu porque a escola, no primeiro semestre do ano, atende na sala de informática, somente os alunos do 1º ano ao 6º ano, os demais da escola somente em horários vagos ou no horário reservado a pesquisas escolares. E como essa pesquisa foi realizada

no primeiro semestre, há apenas essa proporção de alunos do 7º ano A que preferem esses jogos. Hipoteticamente, calcula – se que por eles terem um comportamento hiperativo não possuam paciência de se sentar em frente ao computador por tempo superior à uma hora.

Figura 7. Tempo que os alunos gastam para a prática de exercícios físicos

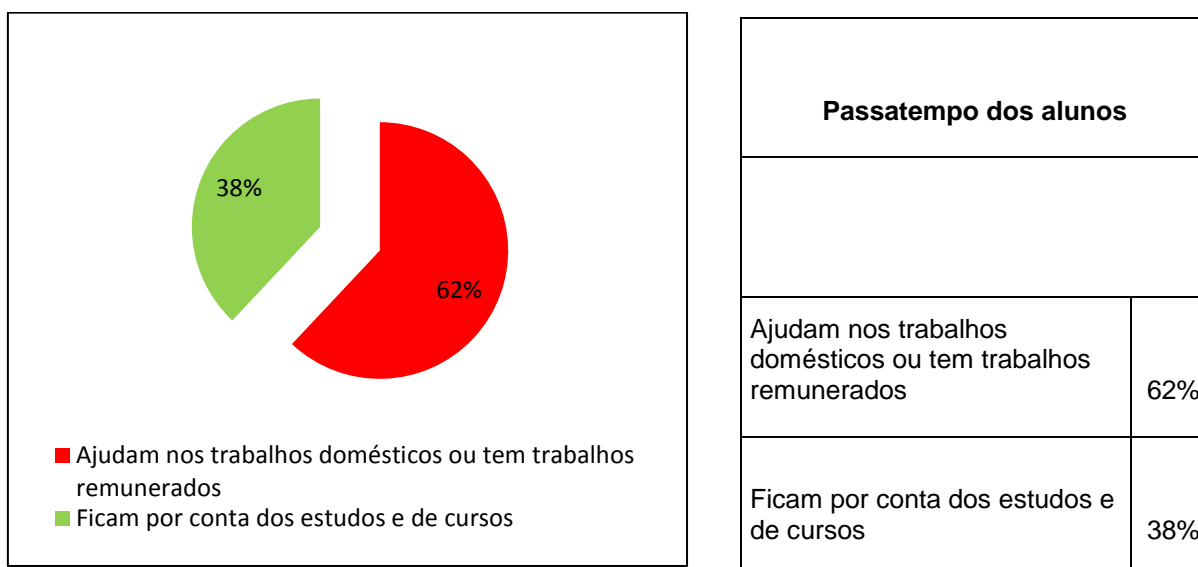


Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Ao perguntar sobre o tempo que gastam para a prática de exercícios físicos os alunos responderam que 60% deles praticam 1 hora ou mais diariamente, 21% praticam 30 minutos diários e 17% não souberam ou não quiseram responder.

Lembrando que os planejamentos oferecidos nas aulas de Educação Física em sua maioria na escola é apenas de esportes. A proposta dos jogos de xadrez surgiu a alguns semestres e está aumentando gradativamente. Nesse gráfico da figura 7, a questão refere se a esportes coletivos e individuais. A participação dos alunos é boa, mas se houver incentivo poderá melhorar. Não apenas na quantidade de horas, mas na qualidade das aulas.

Figura 8. Passatempo dos alunos

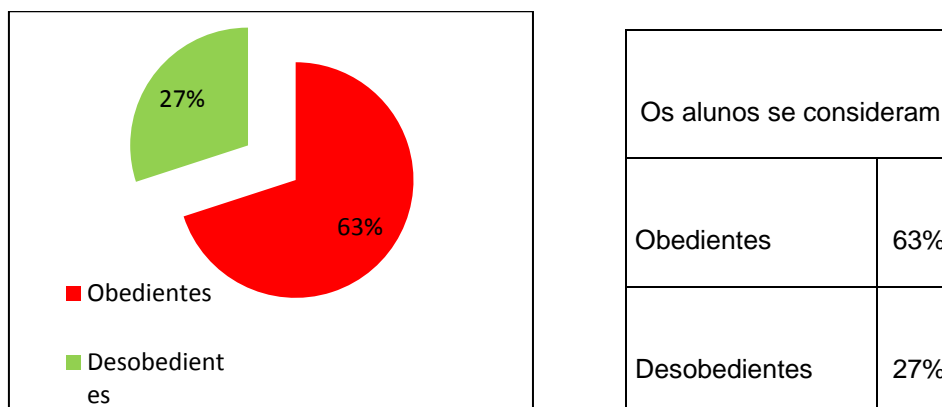


Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Na oitava figura 62% dos alunos entrevistados afirmaram que aproveitam seu tempo ajudando nos trabalhos domésticos e há alguns que já possuem trabalhos remunerados, sem vínculo empregatício como babás, empregada doméstica, vendedores, prestadores de serviços em empresas locais ou trabalhadores braçais. Apenas 38% ficam por conta dos estudos.

Alguns alunos assumem a posição de trabalhadores, porque fazem parte de uma comunidade muito carente, com famílias numerosas em que seus responsáveis recebem salários muito baixos.

Figura 9. Os alunos se consideram



Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

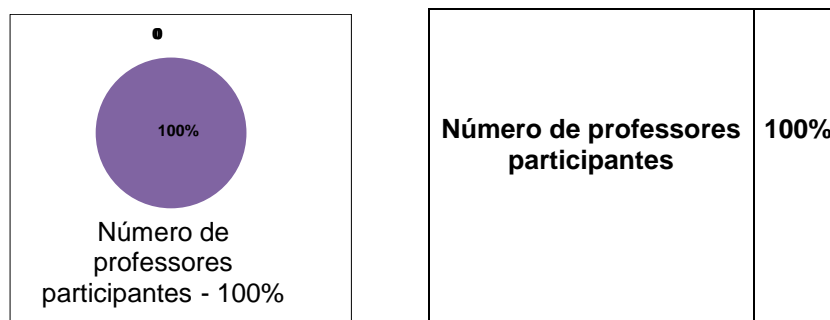
Embora, boa parte dos professores considere a turma indisciplinada, 63% dos alunos responderam que se consideram obedientes e 27% se acham desobedientes.

Essa questão é bem difícil para eles responder, pois alguns não têm claro o que é ser obediente. E acreditam que ser desobediente é responder com grosseria, não cooperar com os pais nos serviços domésticos e não fazer deveres escolares apenas.

4.2 ANÁLISE DE DADOS DOS PROFESSORES

Quanto aos professores pesquisados foram 09 e são das seguintes disciplinas: Português, matemática, inglês, artes, geografia, história, ciências, ensino religioso, educação física. O número de perguntas do questionário são 12 em que 04 foram objetivas, 06 perguntas foram subjetivas e 02 foram mistas. Dos professores que responderam o questionário 50% atuam em disciplina diferente de sua formação. E quanto ao que acham da turma metade deles concordam que os alunos são indisciplinados e pouco comprometidos com as obrigações escolares, porém não se estendendo à todos da turma. 70% afirmam que fazem planejamento semanal. 80% diz que maiorias de suas aulas têm mais teorias, aplicando apenas 20% de atividades lúdicas. 80% usam jogos e brincadeiras lúdicas. 80% dos alunos no parecer dos professores preferem aulas práticas. Parte dos professores concordam que os alunos têm um comportamento agitado, são inquietos e costumam não trazer materiais escolares para aulas diferenciada. 90% dos professores afirmam tomar várias decisões unificadoras, integradora e coerente para melhorar o aproveitamento dos alunos. 20% traz vídeo aula, 20% filme, 20% jogos, 20% debate, 20% teatro. E para manter o controle de turma segundo eles respeitam os alunos e 40% pontuam caderno e comportamento, 10% usam o mapeamento de turma, 20% dão bastante tarefas, 30% conscientizam, abre espaço para eles relatarem suas ideias.

Gráfico 1: Número de professores do 7º ano A participantes da pesquisa

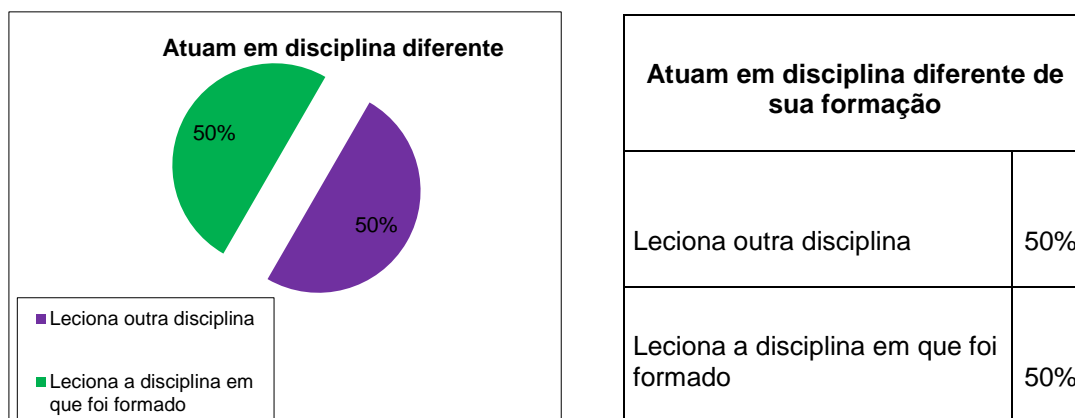


Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Todos os professores foram unânimes e se prontificaram a participar

da pesquisa de bom grado.

Gráfico 2: Atuação dos professores nas disciplinas escolares



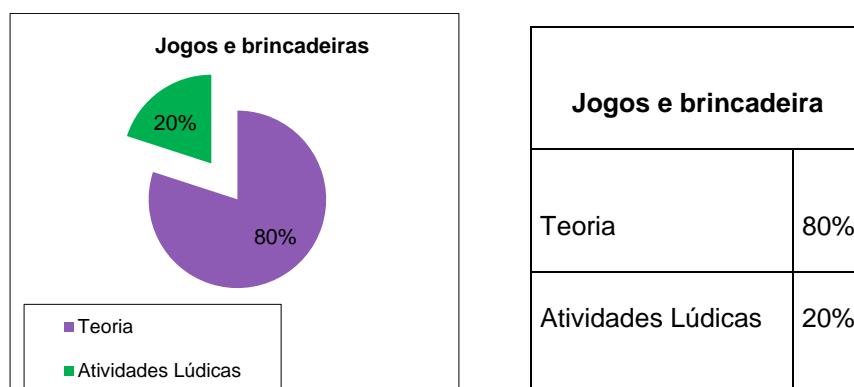
Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Metade dos professores entrevistados leciona em outras disciplinas que não as de sua formação. Portanto precisam receber cursos de formação superior e capacitação adequada para imprimir mais qualidade as suas aulas.

Boa parte dos profissionais opta por cursos de formação superior na área de humanas e apenas uma pequena parcela cursam na área de exatas. Isso tem gerado uma carência muito significativa no processo ensino-Aprendizagem dos alunos, pois não raro, professores de letras dão aulas de exatas.

Os cursos mais procurados nas faculdades das cidades do entorno são Letras, História, Ciências e Geografia. Cursos como Matemática, Química e Física em algumas faculdades nem conseguem fechar turma, tendo que abrir outros vestibulares para que consiga formar ao menos uma.

Gráfico 3: aproveitamento dos alunos em aulas com Jogos e brincadeiras.

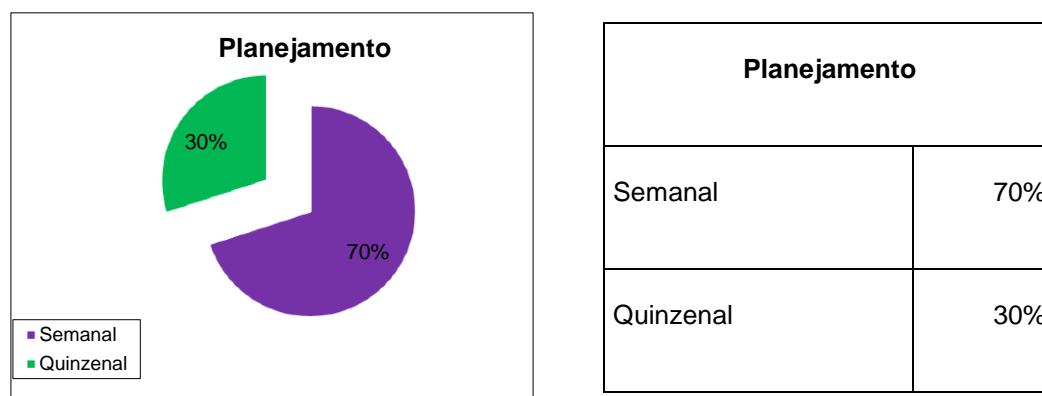


Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

A figura acima representa o lúdico em 20%, enquanto que as aulas teóricas representam 80%. Esse lúdico inclui jogos e brincadeiras.

Mesmo uma grande quantidade de alunos respondendo que tem maior êxito e melhor aproveitamento em aulas onde está presente o lúdico, maioria dos professores insistem em técnicas ultrapassadas oferecendo sempre as mesmas aulas expositivas, completamente teóricas. Talvez pela falta de tempo disponíveis nas instituições os professores procuram apenas se livrar dos conteúdos que precisam repassar aos alunos, sem novidades, sem entusiasmo, sem formas que tragam significados a eles.

Gráfico 4: Intervalo de tempo em que os professores fazem planejamentos de aula.

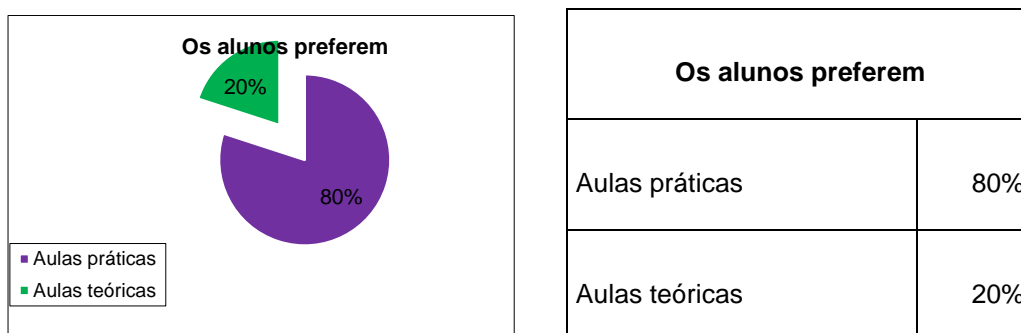


Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Nesse gráfico, 70% dos professores afirmam planejar semanalmente e apenas 30% fazem planejamento quinzenal.

Com essa quantidade que fazem planejamento semanal. Fica um questionamento: Planejamentos feitos apenas quatro vezes ao mês é capaz de oferecer uma aprendizagem proveitosa? Observa – se se que os profissionais não dispõem de tempo na instituição para planejar suas aulas mais detalhadas. Segundo eles são flexíveis em seus planejamentos quinzenais. Fixando melhor o que não foi totalmente assimilado pelos alunos. Acredita - se que o professor até pode planejar quinzenalmente ou semanalmente, porém deverá estar atento quanto a flexibilização dos mesmos. A aula deve ser rica em conteúdos, curiosidades, novidades, pesquisas.

Gráfico 5: a preferência dos alunos em relação às aulas práticas e teóricas



Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

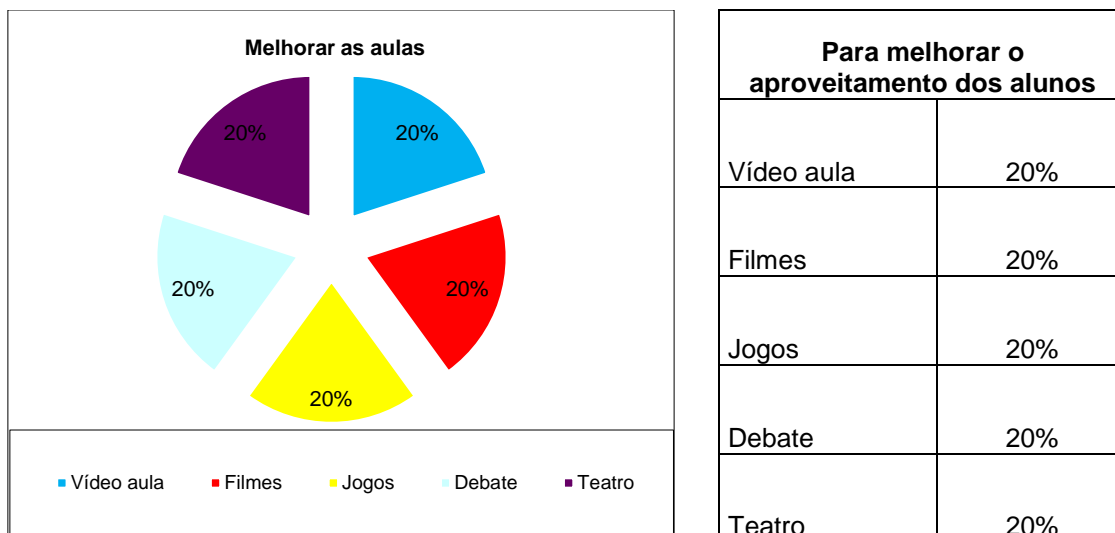
A figura 5. Apresenta que 20% dos alunos preferem aulas teóricas enquanto que 80% desejam ter aulas práticas com jogos e brincadeiras.

Essas porcentagens são o contrário do que os professores oferecem aos alunos. Os professores ofertam aos alunos 80% de teoria os alunos querem esse total em aulas lúdicas. Os 20% de teoria que alguns alunos afirma preferir, segundo eles, é porque quando mais teoria, mais conhecimento terão. Parte desses alunos são aqueles que no gráfico 4, não participam das aulas de educação Física por motivos diversos

Porque com essa porcentagem tão expressiva de alunos preferindo aulas práticas 80% diz que maiorias de suas aulas têm mais teorias? A escola precisa se atualizar para atender um número mais significativo de alunos, pois a aprendizagem precisa ser significativa, contextualizada para

que surta efeito.

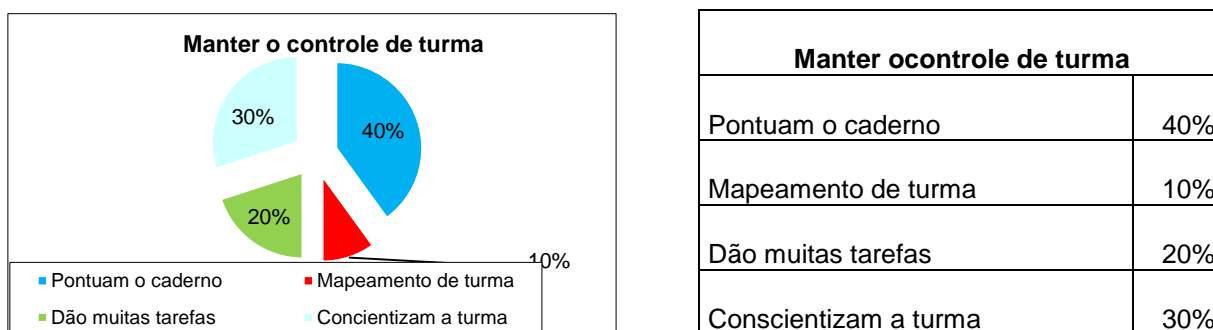
Gráfico 6: Atividades que os professores aplicam em suas aulas com a finalidade de melhorar suas aulas



Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Nesse gráfico os professores afirmaram que apenas 20% de suas aulas são práticas ou lúdicas. Desses 20% divide em cinco partes e assim mescla suas aulas com uma pitada atividades alternativas que vislumbre ao seu ver o melhoramento da aprendizagem dos alunos. Na verdade esse todo no gráfico 5 é apenas os 20% que afirmaram aplicar no gráfico 3. Fica assim dividido: $20\% : 5 = 4$. Após compreender esse cálculo se nota que as aulas têm pouquíssimas doses de melhoramentos.

Gráfico 7: Formas de controle de turma utilizadas pelos professores:



Fonte: Pesquisa realizada na Escola Municipal Walda Miranda de Paiva

Para manter o controle de turma, segundo os professores respeitam os alunos e 40% pontuam caderno e comportamento, 10% usam o mapeamento de turma, 20% dão bastante tarefa, 30% conscientizam, abre espaço para eles relatarem suas ideias.

4.2.1 Quanto a Intervenção da Professora Pesquisadora

A professora pesquisadora foi à turma do 7º ano A e conversou com a turma sobre as possibilidades educativas do jogo de xadrez, respondeu as perguntas advindas dos alunos e dos professores que estavam na sala no momento. Pediu então, para que eles levassem para casa o questionário anexado ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Participação na Pesquisa. O termo deixava claro da não obrigatoriedade em responder as perguntas e de que não envolvia riscos a saúde, integridade física ou moral do sujeito investigado na pesquisa, nesse caso, os alunos. E que este termo era somente para autorizar seus filhos a responderem as perguntas, pois são de menor e os resultados obtidos serão dados coletados, imagens que serão divulgados na forma de um texto monográfico, que será apresentado em sessão pública de avaliação, disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de monografias da UnB, porém algumas famílias não se sentiram seguras para assinar e permitir que seus filhos respondessem as perguntas.

A maior parte desses alunos é atendida por mim, na sala de informática da escola e entre os que mais participam das aulas de informática ou fazem pesquisas escolares há uma relação de amizade e respeito com a pesquisadora.

Além de conhecer um pouco mais o lado pessoal do aluno, este primeiro instrumento de coleta de dados buscou informações referentes às aulas de Educação Física e pretendeu-se saber qual a ideia do aluno a respeito dos Jogos e das aulas.

5. CONCLUSÃO

O vínculo entre as possibilidades educativas contidas nos jogos de xadrez, jogos cooperativos, jogos competitivos fertilizam os valores humanos, o aproveitamento de conteúdos conjugados à disciplina escolar e conseqüentemente a inclusão. Os itens acima foram poderosos suportes na proposta dessa literatura. Valorizando os pontos de estudo mais importante, representados como obtenção dos resultados sendo principais na atuação estrutural dessa conclusão.

A dimensão avaliada permitiu a oportunização reflexiva sobre temas mencionados no estudo, trazendo à tona uma sugestão que trabalhasse a totalidade dos alunos com uma proposta que atribuída a eles, ocasionasse e produzisse autonomia pessoal em relação as suas responsabilidades individuais e coletivas no tocante a vida e aos estudos.

Enfatiza – se a questão do que é aprendido por meio dos jogos cooperativos e competitivos. Trajando as mais variadas versões sobre determinados comportamentos discriminatórios sombreados por uma película educativa que está elucidada na prática presente em esportes escolares ou atividades físicas que excluem, denigre e aborrece os participantes, quando valorizado os fortes e capazes em detrimento de outros que possuem baixas habilidades, como é o caso da turma do 7º ano A Inclusivo. Para Orlick:

Se as pessoas começarem a se divertir e a jogar construtivamente, ao invés de competitividade e agressividade serem condições para a participação, os esportes se tornarão mais atraentes para um número maior de pessoas (ORLICK (1989, p.97).²²

²². ORLICK, Terry. Vencendo a competição. 1989, p.97. Tradução: Fernando J. G. Martins. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. Tradução de: Winning through cooperation.(1989).

Essa turma tem inserido em sua classe alunos com necessidades especiais impedidos de praticar alguns movimentos que empreguem atividades motoras não disponíveis, como é o caso do aluno cadeirante e outros com déficit intelectual. A inclusão e não apenas integração é necessária nas escolas que propõem uma educação ampla nesse sentido. Instituições com essa amplitude precisam oferecer planejamentos que permitam essas concepções e não apenas uma integração de alunos. Para isso é imprescindível que as adequações curriculares sejam pensadas a partir do contexto grupal em que se insere determinado aluno, assim, Aranha concebe:

As adequações se referem a um contexto e não à criança, ao particular ponto de encontro que ocorre em sala de aula, que convergem a criança, sua história, o professor, sua experiência, a instituição escolar, o plano curricular, as regulamentações, as expectativas dos pais, entre outros. (ARANHA, 2004, p. 20).²³.

O autor ressalta ainda que as adaptações feitas por um determinado professor para um grupo específico de alunos só são válidas para esse grupo e para esse momento (ARANHA, 2004, p. 20). Se a escola tem função de cooperar na educação para a vida, faz-se necessário à valorização de atos que produzam essas visões no educando. Embora esteja sendo formado para produzir “mão de obra”, nada impede que a escola insira conteúdos com foco no social. Salientando que, esse preparo de mão de obra aparece discretamente, não sendo o principal foco educacional, porém, não se pode negar que existe, mas que se exprime ocultamente entre os conteúdos ministrados e sua aparição é suave durante as atividades físicas, na maioria dos casos, quando se trata de planejamentos adaptados para a inclusão. Lembrando que a escola não deve ser uma “fabrica”, mas um lugar agradável de aprendizagem.

²³. ARANHA, Maria Salete Fábio. Educação inclusiva : v. 4 : a família / coordenação geral SEESP/MEC. 2004, p. 20

Nessa perspectiva, a construção de valores é o que difere a menção que fazem os jogos cooperativos dos competitivos. Enquanto que nos cooperativos se valoriza o lúdico, a motivação desafiadora, nos jogos competitivos se anseia por resultados. Nada impede que os dois tipos de atividades sejam incorporadas no contexto educacional desde que usadas de forma planejada e consciente pelos professores e ensinadas aos alunos de maneira que não se sintam pressionados apenas a obter êxito, mas que criem situações favoráveis que produza o desenvolvimento criativo e promotor das situações que terão que vivenciar por toda a vida.

As hipóteses apresentadas se confirmaram com o aprofundamento da revisão da literatura impresso nessa pesquisa. Quanto mais a pesquisadora buscava dados sobre o jogo de xadrez, mais se sustentava nítidas as situações ou se descobria outras, novas e distintas, oferecidas como maneiras de aprimorar os conhecimentos em diversas graduações acadêmicas. E mesmo o aluno com aprendizagem defasada poderia se envolver nessa atividade com a possibilidade de ganhos intelectuais em seus diversos aspectos. Com a motivação encontrada no jogo superaria suas dificuldades (FADEL & MATA, 2007).

Essa abordagem promoveu estratégias de mudanças comportamentais para a turma pesquisada, enfatizou o lúdico, proporcionou que a escola se tornasse um lugar mais atraente para a aprendizagem, direcionou os para o cumprimento de suas obrigações escolares, bem como cooperou com melhorias na disciplina dos alunos durante as aulas. Para isso, foi necessário o uso de metodologias que objetivassem a busca de respostas aos anseios do professorado permitindo ao alunado construir seu próprio conhecimento a partir da interação com o meio e da valorização de suas experiências (Darido, 1998, p. 61). É também compromisso do educador se preocupar com a disciplina e responsabilidade de seus alunos. (UHLIG e SANTOS, 2008).

Não se pode afirmar que 100% da turma se beneficiaram com a aprendizagem dos jogos de xadrez, pois não há uma fórmula perfeita que consiga enquadrar a todos. Afinal, são pessoas e como tal não possuem preceitos estabelecidos para regular seus atos, sendo diferentes e individuais

ao assimilar o que lhes é apresentado. Assim, cada qual com seu costume e hábito vai transformando como lhe apraz os conhecimentos recebidos pelo meio.

No Brasil, o xadrez não faz parte do currículo escolar, mesmo sabendo dos benefícios advindos dele. Há apenas uma tímida proposta dos professores nesse sentido. Alguns que já experimentaram seus benefícios e transferem os aos seus alunos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional permitem a inclusão do xadrez nas escolas, na parte diversificada dos currículos e na parte consagrada à promoção do desporto educacional da educação básica. (Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, apud SILVA, 2009, p. 61). Em países como a Rússia, a França, a Inglaterra, a Romênia, dentre outros, implantaram o Xadrez Escolar para ajudar a melhorar o desempenho dos alunos dentro e fora da sala de aula (OLIVEIRA, 2007, apud FADEL & MATA, 2007).

A inclusão do Xadrez em ambiente escolar, principalmente em classes de alunos com dificuldades de aprendizagem, também é defendida por Araújo apud Fadel & Mata quando afirma que:

Tal prática, além de auxiliar no desenvolvimento do sentimento de autoconfiança, apresenta uma situação na qual o aluno tem a oportunidade de descobrir uma atividade em que pode se destacar e, paralelamente, progredir em outras disciplinas acadêmicas. (Araújo, 2007, p. 7 apud FADEL & MATA, 2007, p. 10).^{24.}

Nesse contexto, a disciplina de Educação Física se destaca muito mais do que apenas pelo lazer, podendo provar a comunidade escolar que possui mais qualidades do que se nota. Nela pode está contida desde a inclusão, o respeito com os limites corporais e a obtenção de valores.

^{24.} Araújo, 2007, p. 7 apud FADEL Jacqueline Gisele R.; MATA, Vilson A, 2007, p. 10. O jogo como atividade complementar na escola: uma possibilidade de utilização do jogo como instrumento pedagógico. 2007. Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná/Superintendência de Educação/Diretoria de Políticas e Programas Educacionais/Programa de Desenvolvimento Educacional.

Todos esses conteúdos são adquiridos com aulas bem elaboradas que ofereçam recursos de aprendizagens que os educandos requerem para se firmarem como cidadãos úteis. O aprimoramento dessas ideias é responsável por alterações expressivas futuramente. Não necessariamente essas aulas precisem ter os materiais para que as aulas aconteçam. No caso do tabuleiro de xadrez, ele pode ser desenhado até pelos próprios alunos no pátio ou quadra de esporte com tinta. E quanto às peças, dependendo do tamanho dos tabuleiros pode-se brincar com o próprio corpo, que é o xadrez humano (CASTALDELLI, 2010), ou improvisar peças com tampinhas plásticas com adesivo que representem as peças do xadrez. (Macedo in Macedo; Petty; Passos, apud LUNA) diz que: Joga – se para não morrer, para não enlouquecer, para sobreviver com poucos recursos pessoais, culturais, sociais em um mundo difícil (...). O xadrez, ou qualquer outro jogo pode produzir resultados bons ou ruins, dependendo da orientação, isto é, do método utilizado para orientá-lo, ensiná-lo. (SILVA, 2009). . (Macedo in Macedo; Petty; Passos, apud LUNA), afirma ainda que:

É no jogo que se podem encontrar respostas, ainda que provisória, para perguntas que não se sabe responder (...) o jogo pode preencher nas crianças esse vazio. Nos adultos também: o trabalho, o esporte, a vida cultural não são, na verdade, complexo sistema de jogos? (Macedo in Macedo; Petty; Passos, 1997, p. 139, apud LUNA, 2008, p. 49/50).²⁵

O estudo de caso permitiu uma comparação entre os dois universos escolar. As aulas habituais do 7º ano A inclusivo, com atividades lúdicas e outras aulas apenas teóricas. Segundo os dados adquiridos nas respostas dos alunos obtidas na pesquisa fazia jus ao comportamento apresentado por eles anteriormente. Pois como afirma Fuzii (2006), aulas cansativas em que os alunos permaneçam tanto tempo sentados não ofertam crescimento aos mesmos.

²⁵. Macedo in Macedo; Petty; Passos, 1997, p. 139, apud LUNA, Francine G. A. 2008, p. 49/50. (in) disciplina em oficinas jogos. São Paulo, 2008. Universidade de São Paulo, Instituto de psicologia..

Essas aulas desinteressantes eram a principal causa da fuga astuta deles em relação a aprendizagem sem contexto na realidade social em que estavam introduzidos. A indisciplina e o desrespeito da turma eram munições que eles lançavam mão como forma de protesto as aulas, que quase sempre eram cansativas. PELLEGRINI, (2008), diz que se os alunos são respeitados a reciprocidade de ação é automática com os professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L.M.N. de C.P. Dewey: jogo e Filosofia da Experiência Democrática. 2002. In: Kishimoto, T.M. (org) O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2002. Pp. 79-107.

ANTUNES, Celso. 2003. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: vozes.

ARANHA, Maria Salete Fábio. Educação inclusiva : v. 4 : a família / coordenação geral SEESP/MEC ; Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

BRANDÃO, Ana Carolina P. et. al. Jogos de alfabetização. Manual didático. 2ª edição. Pernambuco. 2009.

BROTTO, F.O. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

CASTELLANI FILHO. Metodologia do ensino de Educação Física. 2ª edição. São Paulo. Cortez. 2009.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL - CF - 1988. Título VIII, Ordem Social do Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto Seção I da Educação.

CORREIA, M. M.. Trabalhando com jogos cooperativos. 4ª edição. 2006.

CORREIA, W. R. Papyrus. 2007. Planejamento participativo e o ensino e educação física no 2º grau. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p. 43-48, 2000.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e Análise das Principais Abordagens da Educação Física Escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. UNESP-Rio Claro, SP, p. 58-65, set/1998;

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, n. 5, maio/ago. 1997.

FANTE, C. Bullying escolar: prevenção do problema começa pelo conhecimento. Jornal Unesp, Rio Claro, jul 2006. Fórum, p.3.

FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários a Prática Educativa Paulo Freire. 25º edição. - São Paulo: Paz e Terra, 1994 - Coleção Leitura.

FREIRE, J.B. & SCAGLIA A. J. Educação Como Prática Corporal. 1ª ed. – são Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação em Sala de Aula)

GARDNER, H. O verdadeiro, o belo e o bom: Princípios Educacionais para uma Nova Educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo. Cortez. 2003.

LUNA, Francine G. A (in) disciplina em oficinas jogos. São Paulo, 2008. Universidade de São Paulo, Instituto de psicologia.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 16ª ed. Campinas: Papirus, 2009, p.11-65. 2009.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lúcia. O uso dos Jogos Teatrais na Educação: Possibilidades Diante do Fracasso Escolar. – Campinas, SP: Papirus, 2009. – (Coleção Ágere).

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 2007.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskyana. In: AQUINO, J. G. (org.). Indisciplina na escola. 11ª Ed. São Paulo: Summus, 1996, p. 83 et seq.

SILVA, Rosângela Ramos Veloso. Práticas Pedagógicas No Ensino-Aprendizado Do Jogo de Xadrez em Escolas. 2009. Brasília – DF. Universidade

de Brasília. Faculdade de Educação - Programa De Pós-Graduação Em Educação.

UHLIG, Joelma Maria.; SANTOS , Sérgio L. a indisciplina por meio dos jogos cooperativos. 2008.

YIN, R. K. Estudo de caso: Planejamento e métodos. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

8.1 Referências Bibliográficas dos Sites da Internet:

ATALAIA, Manuel F. C. Xadrez e Educação. Estratégias Educativas Alternativas. Para Jornal Cidade de Tomar - 13 de Junho de 2008. Disponível às 11: 34 do dia 29 de maio de 2012 em: http://paulojlcosta.weebly.com/uploads/1/6/7/1/1671352/artigos_de_manuel_atal_aia.pdf

_____. Xadrez e Educação. Prática educativa do jogo de xadrez. 27 de Junho de 2008. Disponível às 11: 45 do dia 29 de maio de 2012 em: http://paulojlcosta.weebly.com/uploads/1/6/7/1/1671352/artigos_de_manuel_atal_aia.pdf

AQUINO, Julio Groppa. "A indisciplina e a escola atual" (1998. Revista da Faculdade de Educação. 24 n.2). FDE/SP. Versão ampliada do roteiro empregado no vídeo-palestra "A indisciplina e a escola atual" http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-25551998000200011&script=sci_arttext

BARBOZA, Caroline Ferreira. A educação física escolar. Março de 2011. Publicado por Pedagogia ao Pé da Letra em Educação. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/a-educacao-fisica-escolar/> Acesso às 16h10min do dia 10/11/2011. Instituição: UNIPÊ.

_____. O lúdico: Jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil. UNIPÊ 2011. Pedagogia ao Pé da Letra em Educação. Acesso às 16h10min do dia 10/11/2011. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/monografia-ludico-jogos-brinquedos/>

BOND, Rebecca; E CASTAGNERA, Elizabeth. Estratégias e Práticas em Salas de Aula Inclusivas. 2006. Projeto Comenius, Financiado com o Apoio

Da Comissão Europeia. Disponível às 17:24 do dia 19 de junho de 2012 no site: http://www.irisproject.eu/teachersweb/PT/docs/TT_Estrategias_e_Praticas_WD_PT.pdf

CASTALDELLI, Fábio. No xadrez humano, alunos são as peças. 2010. odiaro.com. Londrina. Acesso realizado em 14 de junho de 2012 às 08:11. Disponível em: <http://www.odiaro.com/da-regiao/noticia/318375/no-xadrez-humano-alunos-sao-as-pecas/>

CIRQUEIRA, Bruna. Vygotsky - Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. 2006. Disponível em: <http://amigonerd.net/trabalho/32795-vygotsky-uma-perspectiva-historico-cultural> acesso realizado às 16:54 do dia 19 de junho de 2012.

CORREIA, Marcos, MIRANDA; Jogos Cooperativos e Educação Física escolar: possibilidades e desafios. Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 107 - Abril de 2007. Disponível em <http://www.efdeportes.com/>, acesso às 00h39min.

D'LUCIA . O ensino de xadrez como ferramenta no processo de aprendizado infantil. 2007. Disponível em: ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/download/114/32 as 19:29 do dia 13 de novembro de 2011. Ciência em Extensão v.3, n.2.

FADEL Jacqueline Gisele R.; MATA, Vilson A. O jogo como atividade complementar na escola: uma possibilidade de utilização do jogo como instrumento pedagógico. 2007. Secretaria de Estado da Educação do Estado do

Paraná/Superintendência de Educação/Diretoria de Políticas e Programas Educacionais/Programa de Desenvolvimento Educacional. Acesso realizado às 15h34min do dia 04 de dezembro de 2011. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/503-4.pdf>

FUZIL, Fábio Tomio. II Encontro de Educação Física Escolar. Lazer e Educação física Escolar. 2006. Centro esportivo virtual. Acesso realizado às 16:32 do dia 19 de junho de 2012 no site: <http://cev.org.br/biblioteca/a-indisciplina-escola-na-educacao-fisica-significados-causas>

KAKAZU, Elena Harumi Watanabe. Indisciplina: Carência de Limites e Valores Morais? 2009. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2177-8.pdf> 23 de junho de 2012 às 18:55.

LEPRE, Rita Melissa. Reflexões sobre a indisciplina na escola. 2009. Acesso realizado dia 10/11/2011 às 16:29. Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1167>

LIMA, Ligia. 2011. II conferência Municipal de Educação e Inclusão, Formação e Aprendizagem como Componentes para a Qualidade da Educação. Disponível às 15:58 do dia 19 de junho no site: <http://pt.scribd.com/doc/58124593/6/INCLUSAO-SOCIAL>

MACHADO, Sheila C. A. S. A Indisciplina na sala de aula. 2008. Acesso realizado 02 de dezembro às 17:42. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=733> Acesso

MELEKE, Camila G. Limites Na Educação Infantil. 2009. Disponível às 11:11 do dia 19 de junho de 2012. http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_13523/artigo_sobre_limites_na_educacao%87%83o_infantil

MELLO, Eloci Gloria. Na revista: O X da educação. Família e escola na questão da indisciplina. 2009. Disponível em:

<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/oxdaeducacao/19,0,2426233,Familia-e-escola-na-questao-da-indisciplina.html> Acesso realizado no dia 18 de junho de 2012 às 16h 54min.

ORLICK, Terry. Vencendo a competição. Tradução: Fernando J. G. Martins. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. Tradução de: Winning through cooperation.(1989).

PARRAT-Dayan ,Silvia. Como Enfrentar a Indisciplina na Escola. 2007. Ed.

Contexto. Acesso realizado em:

<http://www.educacaonaescola.com.br/silvia-parrat-dayan-explica-a-indisciplina-na-escola/> 12 de novembro as 00:43.

PELLEGRINI, Luis. Pais X Filhos. Autoridade em Crise. Revista Planeta.

Outubro de 2008. Disponível no site:

<http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/433/artigo105014-1.htm> acesso realizado dia 18 de junho de 2012 às 15h 33 min.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Disponível em

<http://www.institutocamargocorrea.org.br/infancia/Paginas/infancia.aspx> Acesso realizado dia 03 de julho de 2012 às 13:34.

VARGAS, Roberta D. Desenvolvimento do Gosto pela Leitura na Primeira

Infância: Projetos Escolares. 2009. Universidade de Brasília. Faculdade de

Economia, Administração, contabilidade e ciência da informação e documentação – FACE. Acesso realizado dia 03 de julho de 2012 às 12: 37.

Disponível em:

http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/1279/1/2009_RobertaDannemannVargas.pdf.

ANEXOS

Questionários aos Alunos

PESQUISA CIENTÍFICA.

Este questionário será aplicado em pesquisa de campo tendo em vista coletar dados sobre a indisciplina dos alunos em sala de aula com o tema: “POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DO XADREZ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA TURMA DO 7º ANO A, DA ESCOLA MUNICIPAL WALDA MIRANDA DE PAIVA EM FORMOSA – GOIÁS”. Esse instrumento possui o objetivo de torná-los conscientes da necessidade de identificar as causas de indisciplinas presentes na turma e que posteriormente serão estudadas nesse projeto de pesquisa.

Sintam-se vontade para responder, sem necessidade de identificar – se, saiba que suas informações serão mantidas em sigilo.

Sua participação é muito importante para o sucesso desta pesquisa!

Maria Helena Curcino dos Santos

QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS

1. Qual seu gênero?
() masculino () feminino

2. Qual a sua idade?
() 12 à 14 () 15 à 16 () 17 ou mais

3. Você pratica esporte?

sim não

Se a sua resposta foi sim, qual ou quais esportes pratica?

4. Se você respondeu sim na pergunta anterior, quantos minutos diários você usa para essa prática?

até 15 minutos até 30 minutos 1 hora ou mais

5. Você participa dos esportes que a escola te oferece?

sim não

6. Você gosta das aulas que tenham

jogos (pedagógicos, de xadrez, futebol) teorias (texto, fórmulas)

7. De que você gosta de brincar?

jogos educativos jogos recreativos jogos de raciocínio jogos online

8. Quantas vezes por semana você brinca?

1 a 3 vezes 4 a 5 vezes todos os dias

9. Você gosta de jogar jogos de raciocínio lógico?

sim não

10. Quais atividades têm na escola que você mais gosta?

11. Qual seu passatempo fora da escola?

trabalho remunerado brinca ajuda na arrumação da casa

12. Você tem espaço para brincar em casa?

sim não

13. Com quem você brinca sempre:

seus pais seus irmãos colegas

14. Você brinca em casa ou precisa ir para outro lugar?

na rua no clube em outro lugar

Onde? _____

15. Quando está fora da escola, você é obediente aos seus responsáveis?

sim não muito pouco nenhum

16. Quando está na escola você se considera um bom aluno?

sim não

17. Você gosta da sua escola?

sim não

Muito obrigada pela sua colaboração!

Questionário aos Professores

PESQUISA CIENTÍFICA.

Este questionário será aplicado em pesquisa de campo tendo em vista coletar dados sobre a indisciplina dos alunos em sala de aula com o tema: “POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DO XADREZ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA TURMA DO 7º ANO A, DA ESCOLA MUNICIPAL WALDA MIRANDA DE PAIVA EM FORMOSA – GOIÁS”. Esse instrumento possui o objetivo de torná-los conscientes da necessidade de identificar as causas de indisciplinas presentes na turma e que posteriormente serão estudadas nesse projeto de pesquisa.

Sintam-se vontade para responder, sem necessidade de identificar – se, saiba que suas informações serão mantidas em sigilo.

Sua participação é muito importante para o sucesso desta pesquisa!

Maria Helena Curcino dos Santos

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

1. Qual sua formação profissional? _____
2. Qual disciplina você leciona nessa turma? _____
3. O que você acha da turma do 7º ano A?
 comprometidos outros quais? _____
4. Seus alunos desta turma cumprem com as obrigações escolares?
 sim não

5. Você faz planejamento de aula para quanto tempo?

semanal quinzenal mensal bimestral

6. Como são suas aulas?

teóricas lúdicas

7. Em aproximadamente quanto por cento você aplica de atividades lúdicas?

até 20% até 40% 70% ou mais

8. As atividades lúdicas de suas aulas incluem (poderá marcar mais de uma questão):

jogos brincadeiras outros _____

9. Eles preferem aulas mais práticas ou teóricas? _____

10. Como eles se comportam nas aulas práticas?

11. Quais decisões coerentes, unificadoras e integradoras você aplica para melhorar o aproveitamento escolar?

12. Que estratégias você aplica para manter o controle de turma?

Muito obrigada pela sua colaboração!